

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DÓRIS MENDES TRINDADE
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

RIAN CAETANO DE OLIVEIRA

RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM
ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS EVANGÉLICOS

AQUIDAUANA-MS
SETEMBRO/2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DÓRIS MENDES TRINDADE
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

RIAN CAETANO DE OLIVEIRA

RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM
ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS EVANGÉLICOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado no
Curso Licenciatura em Letras Português e Inglês,
da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,
no Campus Dóris Mendes Trindade, em
Aquidauana-MS, como requisito para obtenção
do título de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Flavio da Rocha Benayon

AQUIDAUANA-MS
SETEMBRO/2024

Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva. O analista deve poder explicitar os processos de identificação pela sua análise: falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Se assim é, o dispositivo que ele constrói deve ser capaz de mostrar isso, de lidar com isso. Esse dispositivo deve poder levar em conta ideologia e inconsciente assim considerados. (ORLANDI, 2009, p. 60)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, como também pela chance de exercer minha profissão ainda em formação e pelas oportunidades que se apresentaram ao longo da minha jornada pessoal e acadêmica. Sou grato por Ele me fortalecer e encorajar-me diante dos desafios que encontro.

Estendo minha gratidão à minha mãe, Maria, agradeço por ser meu suporte e compartilhar seus valiosos ensinamentos que contribuíram para a minha formação humana.

À Aparecida Caetano, tia, expresso profunda gratidão por seu apoio constante em todas as minhas escolhas. Sua presença foi crucial para superar os obstáculos encontrados ao longo do caminho.

Quero também dedicar palavras de carinho, admiração e agradecimento à Ísis Batista (*in memoriam*), escritora, professora e amiga excepcional. Tive o privilégio de conviver com esse ser humano incrível e compartilhar momentos inesquecíveis. Minha querida, Emília, personagem de Monteiro Lobato que Ísis “encarnou” em vida, e encantava a todos com as suas histórias e apresentações, especialmente, as crianças no Centro de Educação Infantil em Bodoquena-MS.

Exponho minha gratidão aos meus amigos letrados, em particular, à Kátia, Fabiane, Fernanda, Sônia, Ana, Eva, Jaqueline, Alline, Regiane e Mônica.

Agradeço aos meus irmãos, Rayan, Rayane e Samuel, por estarem presentes em minha jornada e por tornarem a minha vida mais feliz.

À minha avó, Valdete Caetano, mulher da roça e analfabeta, que me fez enxergar que para ter educação não é preciso ser alfabetizado. Obrigado pela sabedoria compartilhada, vó.

Não posso deixar de mencionar os meus agradecimentos aos meus professores da minha trajetória escolar e acadêmica. Agradeço por compartilharem seus conhecimentos, orientações e por criarem vínculos significativos durante esse percurso, tornando o aprendizado prazeroso.

Sobretudo, agradeço aos professores e administrativos da Escola Municipal João Batista Pacheco, pelo apoio concedido a mim quando necessitei. Trabalhar nessa instituição de ensino possibilitou adquirir muito conhecimento pedagógico acerca da minha prática. Menciono aqui outra instituição, na qual fui acolhido, a Escola Estadual Joaquim Mário Bonfim, local onde realizei todos os estágios obrigatórios da graduação. Destino os meus sinceros agradecimentos às minhas professoras supervisoras, Ilza, Gláucia e Fabiana.

Agradeço ao programa de estágio remunerado oferecido pela Prefeitura Municipal de Bodoquena, no qual fui estagiário por dois anos e pude aprender muito com todos os que trabalhei durante esse período.

Registro também os meus agradecimentos ao programa “Idiomas sem Fronteiras”, especialmente à equipe da SERIN/AGINOVA(UFMS), e aos meus coordenadores Lucilene Machado e Fabrício Ono. Agradeço a todos pelas orientações e conhecimento compartilhado. A experiência, enquanto tutor de língua portuguesa no referido programa de internacionalização de línguas, sem dúvidas, é um dos melhores acontecimentos que ocorreu em minha vida.

Quero também frisar a minha gratidão ao programa de bolsas e auxílios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Estes programas, políticas públicas, fazem a diferença na vida de graduandos que necessitam de auxílio financeiro para subsidiar as despesas cotidianas e prosseguir com os estudos. Investir em educação não é gasto, é retorno.

Gostaria de expressar também os meus sinceros agradecimentos à banca examinadora deste trabalho, composta pelos professores Flavio da Rocha Benayon, Vinícius Massad Castro e Wellton da Silva de Fatima por gentilmente aceitarem o convite e contribuírem com esta pesquisa.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador, Flavio da Rocha Benayon, pela dedicação, orientação, paciência e humildade demonstrada ao longo deste trabalho. Suas explicações e exemplos foram essenciais para meu crescimento acadêmico e profissional.

Gratidão a todos os envolvidos! Levo cada um em minha memória.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso destaca os sentidos produzidos no discurso religioso cristão evangélico acerca da homossexualidade e do homossexual. Como método investigativo, a presente pesquisa filia-se à Análise de Discurso de linha francesa, a qual tem como principais pensadores Michel Pêcheux, na França, e Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil. Quanto ao embasamento teórico deste trabalho, foram utilizados estudos e análises conduzidas pelos dois pesquisadores mencionados, bem como por outros renomados autores do campo em questão, os quais são referenciados ao longo deste texto. Em relação ao objeto de estudo, foram utilizados três pronunciamentos religiosos cristãos evangélicos, concedidos em entrevistas disponíveis na plataforma de *streams YouTube*, enunciados por líderes religiosos evangélicos brasileiros, a saber: Aline Barros, Bruna Karla e Silas Malafaia. Um dos principais objetivos desta pesquisa é apresentar os sentidos produzidos no especificado discurso acerca da homossexualidade sob a ótica materialista pecheutiana. A partir das análises realizadas, notaram-se regularidades presentes nos três dizeres. A título de detalhamento, são elas: noções de pecado qualificadoras das sexualidades desviantes no imaginário cristão, termos como prática, escolha e opção personificadores da homossexualidade, e por fim, a heteronormatividade manifestada pela concepção tradicional de família e sexualidade correta conforme o discurso religioso evangélico. Estas evidências possibilitaram concluir que há um funcionamento ideológico comum nos discursos observados, nos quais se pode notar a posição de sujeito evangélico. Em relação a essa terminologia, depreende-se que este sujeito manifesta, por intermédio da formação discursiva cristã a qual está inscrito, pelo lugar social e posição discursiva, dogmas provenientes de sua religião. Ao analisar o discurso evangélico, percebe-se que há uma formação discursiva no meio cristão que rege as ações dos fiéis, acarretando posições contrárias a determinados temas, como a homossexualidade, o adultério, o aborto e a prostituição, por exemplo.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Discurso Religioso Cristão Evangélico; Homossexualidade; Religião; Ideologia.

ABSTRACT

This end-of-course work highlights the meanings produced in evangelical Christian religious discourse about homosexuality and homosexuals. As an investigative method, this research is based on French Discourse Analysis, whose main thinkers are Michel Pêcheux in France and Eni Puccinelli Orlandi in Brazil. As for the theoretical basis of this work, studies and analyses conducted by the two researchers mentioned were used, as well as other renowned authors in the field in question, who are referenced throughout this text. In relation to the object of study, three evangelical Christian religious pronouncements were used, given in interviews available on the *YouTube streaming* platform, enunciated by Brazilian evangelical religious leaders, namely: Aline Barros, Bruna Karla and Silas Malafaia. One of the main aims of this research is to present the meanings produced in the specified discourse on homosexuality from a materialist Pecheutian perspective. Based on the analysis carried out, regularities were found in the three statements. By way of detail, these are: notions of sin that qualify deviant sexualities in the Christian imaginary, terms such as practice, choice and option that personify homosexuality, and finally, heteronormativity manifested by the traditional conception of family and correct sexuality according to evangelical religious discourse. This evidence made it possible to conclude that there is a common ideological functioning in the discourses observed, in which the position of the evangelical subject can be seen. In relation to this terminology, it can be seen that this subject manifests, through the Christian discursive formation to which he is inscribed, through his social place and discursive position, dogmas stemming from his religion. When analyzing the evangelical discourse, one can see that there is a discursive formation in the Christian milieu that governs the actions of the faithful, leading to positions against certain themes, such as homosexuality, adultery, abortion and prostitution, for example.

Keywords: Discourse Analysis; Evangelical Christian Religious Discourse; Homosexuality; Religion; Ideology.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. O percurso histórico da Análise do Discurso	13
2. Sujeito, discurso e historicidade	20
3. Condições de produção e historicidade	24
4. Condições de produção e análise do discurso religioso cristão	29
4.1. Aline Barros	29
4.1.1. Pecado e amor	31
4.1.2. Homossexuais, sexualidade desviante e a forma correta	35
4.1.3. Criação, família e escolhas	36
4.2. Bruna Karla	37
4.2.1. O casamento e a palavra: sentidos produzidos sobre o casamento homoafetivo	39
4.2.2. Quando eu me casar	40
4.2.3. Eu paro de cantar, eu saio da igreja	42
4.2.4. Palavra de confronto	45
4.3. Silas Malafaia	49
5. A posição de sujeito evangélico	59
Considerações finais	63
Referências bibliográficas	66

LISTA DE SIGLAS

AD- Análise do Discurso

FD- Formação Discursiva

LGBTQIAP+-Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e demais orientações sexuais e identidades de gêneros.

SD- Sequência Discursiva

Introdução

A pesquisa empreendida neste texto consiste em analisar discursivamente as sexualidades consideradas profanas pelo discurso religioso cristão evangélico. Ao decorrer das páginas deste trabalho, são explorados os sentidos produzidos no mencionado discurso a respeito da homossexualidade e do homossexual, com o intuito de analisar, discutir e propor interpretações para questões consideradas tabus na sociedade brasileira. Ademais, problematizar como determinados sentidos produzidos no discurso religioso cristão evangélico se manifestam como barreiras que se opõem ao respeito e aceitação de membros da comunidade LGBTQIAP+, especificamente, o homossexual. Em outras palavras, como certos dizeres promovem a perpetuação do preconceito e marginalização de grupos sociais na atualidade, reforçando as lutas de classes, fortemente discutida por Karl Marx.

A relevância desta pesquisa reside na pretensão de analisar como a homossexualidade é significada a partir de determinadas formações discursivas, tendo em vista questões relegadas à discriminação, ao preconceito e à homofobia em um dos países que mais mata pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAP+¹, o Brasil². Por intermédio de uma abordagem inscrita na Análise de Discurso e sob o viés materialista peuchetiano, pretende-se não apenas mobilizar conceitos e teorias pertinentes ao campo discursivo, mas também fomentar descrições que sustentem as conclusões apresentadas a partir das análises realizadas.

É mister ressaltar que este trabalho é resultado do culminar de horas de dedicação, leituras, estudos, pesquisas e discussões realizadas entre o grupo de orientandos nas dependências da UFMS, o qual reflete o compromisso empreendido no desenvolvimento e escrita deste texto.

Cabe dizer que o presente texto visa não apenas responder questões do campo da Análise de Discurso, mas também instigar o pensamento crítico a respeito das fronteiras do social e colocar em evidência a relação do dito e não dito no discurso religioso cristão

¹ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais e demais orientações sexuais e identidades de gêneros.

² VASCONCELOS, Caê. Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans; foram 131 em 2022. UOL, São Paulo, 26/01/2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm>. Acesso em: 21/04/2024.

GIGLIOTTI, Analice. Brasil carrega o vergonhoso título de país que mais mata LGBT+ no mundo. VEJA RIO, Rio de Janeiro, 26/05/2023. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/analice-gigliotti/brasil-carrega-o-vergonhoso-titulo-do-pais-que-mais-mata-lgbt-no-mundo/>. Acesso em 21/04/2024.

evangélico, pois como afirmado por Orlandi (2009, p. 83): “As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito”.

Como afirmado pela autora citada acima, as sociedades são formadas por relações de poder estruturantes, na qual há uma hierarquia enraizada, ditando o que pode ou não ser dito, produzindo a censura no Estado de direito. Logo, cabe ao analista tensionar tais relações de poder e colocar em relação o dito ao não dito e ao silêncio. Este, por sua vez, diz muito.

Sob um viés histórico crítico, este texto visa também discutir discursos hegemônicos presentes na sociedade contemporânea, bem como promover reflexões acerca de questões relativas à homossexualidade como: as sexualidades personificadas como pecado no imaginário evangélico, casamento homoafetivo, adoção, direitos sociais, entre outros aspectos. A luz da Análise de Discurso, constata-se que determinados discursos atuam como aparato de controle social, garantindo privilégios a determinadas parcelas em detrimento de outras.

Antes de adentrar à argumentação das questões elucidadas, faz-se necessário narrar quais motivos conduziram à escolha do objeto de estudo. Desse modo, peço licença para utilizar a primeira pessoa do discurso a partir de agora.

A priori, friso que enquanto ser social, sou um sujeito atravessado pela ideologia e inconsciente, sou posto em um jogo discursivo o qual não tenho controle, meu inconsciente em toda interlocução se mostra fortemente presente, reproduzindo sentidos e memórias que reproduzo sem ter ciência desse fato. Especificado isso, agora, registro os motivos que me conduziram à realização deste trabalho.

Hoje, com outro conhecimento sobre as sexualidades proporcionado pelo contato com o diferente em vários momentos da minha vida: escola, trabalho, círculo de amizades, e principalmente, durante a faculdade, tenho minha personalidade formada e blindada contra a homofobia e formações discursivas que consideram sexualidades que não se enquadram no padrão cis-heteronormativo, imposto pelo conservadorismo, “aberração” e “pecado”. É relevante dizer que nem sempre tive essa consciência. Por muito tempo, fui interpelado pelos ensinamentos religiosos que condenavam minha forma de vida, resultando em uma confusão mental complexa.

Vivi minha infância em um espaço conservador, que ditava a forma de me portar perante a sociedade. Nesse imaginário, as minhas roupas, voz, postura corporal, brincadeiras e amizades deveriam estar dentro dos padrões dominantes. Quero dizer que, conforme esse

imaginário conservador, deveria usar roupas que eram consideradas “adequadas” para homens, o rosa estava fora de cogitação em minhas vestimentas.

Em meus dizeres, tinha que falar “como homem”, voz grossa, sem nenhuma delicadeza. Em relação a minha postura corporal, deveria ser forte em todas as circunstâncias, duro na queda, um verdadeiro super-homem. Em hipótese alguma, poderia brincar com meninas de casinha, de panelinha, de comidinha. O ideal, conforme a cis-heteronormatividade, era estar junto a outros homens, jogando futebol, relacionando-me com diversas meninas e, futuramente, já na vida adulta, constituir uma família com uma mulher, ter filhos e ser feliz sob os preceitos cristãos.

Os imaginários listados aqui, que prezam pelo “ideal” de vida, eu deveria seguir à risca, não os seguir significaria ir contra uma formação discursiva dominante em meu meio. Optei por não se adequar às imposições listadas, escolhi romper com esses princípios hegemônicos impostos a mim. Diante disso, descobri o que é ser homossexual em um lugar majoritariamente religioso e conservador, conheci o preconceito e ódio de pessoas que estavam próximas, parentes e conhecidos.

Constato que foi significativo esse processo pelo qual passei, pois me fortaleceu e me preparou para lidar com ódio alheio disfarçado de amor. Realizada essa apresentação, como sujeito que viveu situações complexas e no lugar de fala, propus-me em fazer um estudo analítico, juntamente com meu orientador, visando entender como ocorre a produção de sentidos na formação discursiva religiosa cristã evangélica. Por qual razão dois homens ou duas mulheres não poderiam se casar, ter filhos (inclusive, adotar crianças abandonadas por casais heteronormativos), construir uma família, realizar conquistas e serem felizes? Questionamento³ como esse, instigou-me a empreender este trabalho.

Por nascer e viver durante muito tempo em um ambiente majoritariamente religioso, observo que muitas dessas crenças estão vinculadas à religião e ao discurso religioso cristão evangélico. Desse modo, realizar um estudo investigativo sobre essas temáticas foi necessário para que pudesse compreender e responder às questões que estavam em meu consciente. Para tanto, filie-me à Análise de Discurso de linha Francesa.

³ Em relação a esse ponto, faz-se necessário destacar uma personalidade brilhante da televisão brasileira, Hebe Camargo, que interpelada pelo mesmo questionamento, manifestou sua indignação quanto ao preconceito em uma época na qual poucas pessoas tinham coragem de defender os homossexuais. Em 1987, pós-ditadura militar, no programa Roda Viva, cercada por entrevistadores homens, quando questionada por um deles se defendia os homossexuais, Hebe fornece a seguinte resposta: “Por que não defender? Por quê? Eles são piores que a gente? Eles escolheram ser assim? São seres humanos iguais à gente. Eles têm pai, mãe, irmãos. Trabalham. Pagam seus impostos”. A apresentadora finaliza seu argumento dizendo que ninguém escolhe ser homossexual, pois se nasce assim. Hebe Camargo foi uma personalidade espetacular e pioneira na defesa de membros da comunidade LGBTQIAP+ no Brasil, principalmente, nos programas de alcance nacional que conduziu como apresentadora.

Busco interpretar quais sentidos e memórias são postas em jogo, como elas surgem e perpetuam-se no citado discurso como regularidades. Por conseguinte, em pleno século XXI, falar sobre essas questões das sexualidades e religiosidade é necessário, ainda que seja um tabu para muitos sujeitos, visto que não falar sobre elas, acarreta mais preconceito, fortalecimento do discurso de ódio e segregação de comunidades. Levantar bandeiras de parcelas que estão à margem da sociedade, vítimas das mazelas sociais, constitui em dar voz ao oprimido e segregado. Ademais, fortalece a tentativa de conscientização social, a qual personifica o diferente como algo natural e bom.

Considerando os pontos apresentados, antes de adentrar no objeto de estudo, na primeira parte deste texto investigaremos o percurso histórico da Análise do Discurso, conceituações técnicas relativas ao discurso e aos elementos que influenciam a sua produção. No segundo momento, abordaremos noções teóricas fundamentais relacionadas ao sujeito, à ideologia e à historicidade. Na sequência, é apresentado o discurso religioso cristão evangélico seguido de suas respectivas análises. No final, um capítulo destinado a explicar a posição de sujeito evangélico. Logo após, encerramos este trabalho com as considerações finais.

1. O percurso histórico da Análise do Discurso

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar.

(Eni Orlandi)

Antes de tudo, é fundamental dizer que a prática de analisar textos remonta à Antiguidade, sua existência perpassa gerações há mais de dois mil anos. Esse procedimento

analítico configura-se em uma das características da Análise de Discurso, a partir de agora AD, presente desde a Grécia Antiga, com os gregos, em Retórica. Evidenciado este fato, ressaltamos que o estudo do discurso não é inicial. Ou seja, desde muito tempo existiam estudiosos preocupados com a linguagem. Muito antes de Pêcheux⁴, Althusser⁵, Foucault⁶ e outros notáveis estudiosos, estudos discursivos já foram realizados, por exemplo, pelos estruturalistas russos em suas análises literárias. Obviamente, essas análises foram embasadas e realizadas sob outras perspectivas e métodos que diferem das correntes da AD que se observam atualmente.

Em relação a essas ramificações discursivas, cabe observar que há outras vertentes da AD, por exemplo: a greimasiana⁷. Esta focaliza suas análises apenas nas informações que estão presentes no texto. Isto é, dentro da organização textual, não considerando como ponto essencial a contradição, a historicidade e as condições de produção. Diante do exposto, urge fazer a seguinte distinção: este texto ancora-se na Análise de Discurso de linha francesa, a qual tem como principal pensador Michel Pêcheux, na França, e Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil, como mencionado antes.

Ao decorrer do tempo, novas abordagens surgiram e moldaram as práticas da AD até originarem as que conhecemos atualmente. É sobre este assunto que trataremos a partir de agora.

⁴ Foi um estudioso, filósofo e linguista francês. Um dos pioneiros nos estudos discursivos e considerado por muitos um dos principais fundadores da Análise de Discurso de linha francesa. Entre suas obras mais conhecidas estão: “Análise automática do discurso”, de 1969, “Sobre a história das ciências”, de 1969, “Semântica do discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, de 1975. A título de curiosidade, Pêcheux foi aluno de Louis Althusser na “École Normale Supérieure de Paris” (Escola Normal Superior de Paris), onde foi influenciado fortemente pelo seu professor.

⁵ Foi um professor e filósofo francês. Um dos principais representantes do materialismo histórico de base estruturalista, filiou-se a trabalhos do psicanalista Jaques Lacan, influenciou outros estudiosos, como: Michel Pêcheux, Étienne Balibar, Jacques Rancière, Jean-Claude Milner. Entre suas teorias mais conhecidas, destaca-se a “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”.

⁶ Foi um professor, psicólogo, historiador, escritor e ativista francês. Atuou na luta contra o racismo e buscou pela reforma no sistema penitenciário. Entre seus estudos mais notórios estão aqueles que abordam a organização do sistema penitenciário. Estudou, também, sobre a relação entre poder e conhecimento, sexualidade, psicanálise, instituição escolar e psiquiatria. Tornou-se uma referência contemporânea, considerado um dos pensadores mais citados em pesquisas mais recentes.

⁷ A abordagem greimasiana está inscrita e associada aos estudos semióticos, uma vez que seu modelo teórico propõe a análise dos sentidos a partir de estruturas narrativas e discursivas, sendo amplamente utilizado na interpretação de textos e práticas culturais.

A Linguística e as Ciências Sociais foram alvos de diversas críticas, realizadas por estudiosos da língua, como Noam Chomsky⁸, Mikhail Bakhtin⁹ e Dell Hymes¹⁰ que não a consideravam transparente ou meramente um conjunto de signos abstrato e estanque.

Quanto à Linguística, no século XX, em sua primeira fase, foi marcada pelos estudos estruturalistas baseados nas teorias do linguista Ferdinand de Saussure. Os linguistas desta época estudaram a língua sob um viés síncrono e normativo. Isto é, mediante as regras gramaticais, frases, estruturas isoladas do contexto de enunciação e estável. Tempos depois, com os avanços dos estudos linguísticos, como a Teoria Gerativista de Noam Chomsky, que se opõem ao estruturalismo, frisando que o falante é dotado de uma capacidade linguística que permite se comunicar de diversas formas e aprender uma nova língua desde que tenha contato, e ascensão da Análise do Discurso na década de sessenta, sob o recorte da Linguística, Psicanálise e Marxismo, surge uma nova concepção a respeito da língua e linguagem. Sob essa nova perspectiva, os analistas passaram a olhar para ambas não mais como transparente ou estanque, mas vinculada às condições de produção, historicidade e à ideologia.

Em relação às ciências sociais, estas foram questionadas pela transparência da linguagem que orientava seus métodos de investigação, e por considerar a historicidade e as condições de produção isoladas de suas análises, tal como afirma Orlandi (2009, p.16):

Em uma proposta em que o simbólico e o político se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.

Com base no trecho acima, infere-se que o discurso é reproduzido por sujeitos constituídos pela ideologia e assujeitados aos seus efeitos. Trata-se de um sujeito que não possui controle acerca do que enuncia, nas palavras de Orlandi, um sujeito descentrado. Além

⁸ Chomsky revolucionou a linguística com sua Teoria da Gramática Gerativa Transformacional, introduzindo a ideia de competência linguística inata. Ele criticou a linguística behaviorista de Bloomfield e as práticas conteudistas que tratavam a língua apenas como um conjunto de frases isoladas, enfatizando, em vez disso, a capacidade humana de gerar sentenças infinitas a partir de regras gramaticais.

⁹ Bakhtin trouxe uma visão social e dialógica da linguagem, focando na interação verbal e nas condições sociais que influenciam o discurso. Ele se opôs ao formalismo e ao estruturalismo rígido, defendendo que a linguagem é essencialmente interacional e que o sentido é construído a partir do diálogo entre interlocutores, influenciado pelo contexto histórico e social.

¹⁰ Hymes criticou a limitação da linguística focada apenas na competência gramatical e propôs a ideia de competência comunicativa, que inclui fatores socioculturais e contextuais necessários para a comunicação efetiva. Sua abordagem influenciou áreas como a sociolinguística e a pragmática, expandindo o estudo da linguagem para incluir a competência de uso em diferentes contextos sociais.

disso, entende-se que o discurso ocorre em um dado momento histórico, determinado por condições de produção e relações de poder estruturantes, configuradas entre a disputa do simbólico, isto é, aquilo que simboliza em nós e do político. Este no sentido de considerar o social, perceber suas demandas, seus impasses e a luta de classes.

Diante dos aspectos explicados anteriormente, é impossível analisar o discurso isoladamente, não o considerando como político e histórico, determinado pelas práticas sociais do homem no tempo em que se situa. Esta é uma das várias contestações colocadas à Linguística do século passado que possibilitou a ruptura anos mais tarde. Outrossim, observam-se outras críticas feitas à Linguística, como ter a frase isolada do seu contexto como objeto de análise, em vez do texto em suas condições de produção, o que, nas palavras do sociolinguista Bagno (2010, p. 12), é significado do seguinte modo: “Uma palavra solta, uma frase isolada são um peixe fora d’água. O texto é o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre”.¹¹

Por meio da metáfora, representada pelo peixe, realçada por Bagno¹², somente há linguagem em texto¹³ e somente existem textos porque há história. Uma palavra ou frase isolada é “um peixe fora d’água”. Isto é, sem consistência, sem vida. O mesmo fato ocorre para os analistas materialistas do discurso. Ou seja, a análise discursiva deve considerar, obrigatoriamente, suas condições de produção e seu vínculo com a historicidade para que as análises façam sentido e não sejam práticas conteudistas da língua, das quais os analistas materialistas distanciam-se. Em nota, apesar da relevância textual e sua importância na Linguística e Ciências Sociais, a Análise do Discurso não tem o texto como objeto de estudo em si, mas, sim, suas condições históricas e sentidos produzidos.

A Análise de Discurso francesa que conhecemos, atualmente, surge com os seguintes questionamentos: problematizar as práticas textuais conteudistas adotadas pela Linguística do século passado, suas relações com o texto e seus modos de interpretação. Como afirmado, por Orlandi, na citação inicial: problematizar as formas de interpretar, tensionar o sujeito ou o leitor a refletirem a respeito dos sentidos produzidos na linguagem e suas relações com a historicidade de maneira menos ingênua. Compreender que somos assujeitados à ideologia e que não há espaço para a neutralidade e transparência da linguagem.

¹¹ Citação extraída do prefácio “Sobre peixes e linguagem”, escrito por Bagno para a obra “Análise de textos: fundamentos e práticas”, de Irlandé Antunes.

¹² É professor, doutor, filologista, escritor e linguista brasileiro. Desenvolve pesquisas sobre linguagem, língua e suas variações linguísticas. Entre suas obras destacam-se “Preconceito linguístico: o que é, como se faz” (1999), “Gramática de bolso do português brasileiro” (2013), “A Língua de Eulália”, (novela sociolinguística) 1997.

¹³ Compreendemos por texto não apenas o verbal, mas também outras formas de materialidades significantes, como o visual, o gestual e o sonoro, englobando todo tipo de manifestação que produza sentido, seja ela linguística ou não, conforme uma visão ampliada de textualidade.

Antes mesmo de sermos concebidos ao mundo, já somos inseridos no simbólico que organiza e estrutura as relações humanas existentes. Não estamos isentos da interpretação, ao depararmos com aquilo que simboliza em nós e para nós, somos interpelados pelo interdiscurso¹⁴. Com intuito de explicar melhor, recorreremos a um exemplo conhecido entre os analistas do discurso materialista, a gravidez.

É um momento carregado de aspectos ideológicos voltados ao bebê. Antes mesmo do seu nascimento, espera-se muito da criança por parte dos pais e familiares. A título de exemplo, a descoberta do sexo biológico, o nome de batismo, a seleção das vestimentas, a compra dos móveis e organização do quarto, o enxoval e outras expectativas almejadas. Atentemo-nos para a escolha do nome, que, em si, já é de ordem ideológica, pois aspectos exteriores influenciam os responsáveis pela criança a concederem-lhe um nome, por exemplo: uma homenagem a algum familiar, um nome bíblico devido às crenças dos responsáveis ou simplesmente pelo sexo biológico da criança. Para uma menina é concebido um nome feminino, em relação ao menino, masculino. Em uma análise mais minuciosa, poderíamos citar as representações das cores na revelação do sexo da criança, que convencionalmente entende-se que azul simboliza o masculino e rosa o feminino.

Parafraseando Althusser em “Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado” (1970, p. 103), após o nascimento, a criança é submetida à sociedade e à língua. O assujeitamento ao social ocorre pelos aparelhos ideológicos de Estado, por exemplo: o aparelho jurídico (direitos e deveres), a família (com seus princípios e formas de educar), a religião (igreja), a escola, a cultura e o político. Em relação à língua, nota-se que a criança terá o desenvolvimento de sua linguagem assujeitado ao idioma oficial do local em que nasceu. Um bebê nascido em algum país da América Latina, provavelmente, terá como idioma uma língua românica. Outro bebê nascido nos Estados Unidos da América, indubitavelmente, terá sua língua moldada no tronco linguístico germânico. Estes fatores influenciarão a capacidade linguística da criança, inclusive, o aparelho fonador. Sob a ótica dos exemplos elucidados, observamos que, desde tenra idade, o sujeito é interpelado pelos efeitos da ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Não é um sujeito espontâneo com poder de escolha. É sempre-já um sujeito, interpelado, cindido.

A partir da década de sessenta, uma proposta de ruptura e, concomitantemente, de reterritorialização surge opondo-se às práticas conteudistas tradicionais da Linguística do

¹⁴Na obra "Análise do Discurso: princípios e procedimentos", Orlandi define o interdiscurso como aquilo que é dizível. Isto é, um sentido previamente reproduzido por alguém ou grupo, em algum momento, e eventualmente esquecido, mas que permanece presente ao longo da historicidade, formando redes parafrásticas na memória discursiva. Como diz a mencionada autora: “Uma voz sem nome”.

século passado, que enxergavam a linguagem como um sistema transparente, abstrato e opaco, estacionando-se nos níveis superficiais de interpretação, como: “o que este texto quer dizer?”. Tratava-se o texto como se fosse transparente e pudéssemos atravessá-lo para descobrirmos um sentido atrás dele, sem considerar aspectos relegados a sua exterioridade, como a história.

Um dos princípios da Análise de Discurso Francesa é justamente questionar e romper o imaginário de transparência da linguagem. Logo, os estudos discursivos, a partir da década de sessenta, problematizam as práticas tradicionais e buscam pensar em como ocorre a produção de sentidos vinculados à relação do homem com o seu tempo, sob condições específicas de produção, sendo o humano um sujeito assujeitado à ideologia. Não mais “o que” e sim “como”.

Vale salientar que para a Análise de Discurso, o discurso é ideológico, conforme diz Pêcheux (1988,p.160-170): “Não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem ideologia, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. À vista disso, compreende-se que a língua somente faz sentido, ou seja, produz significado porque há um sujeito assujeitado a estruturas já estabelecidas.

A partir da década de sessenta, com a proposta de reterritorialização, a Análise de Discurso Francesa adquiriu notoriedade como disciplina ancorada a outras três ciências, a saber: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Estas três áreas do saber foram ressignificadas pela AD.

Em relação à Linguística, novos sentidos são adotados: não transparência da linguagem e da história; sujeito descentralizado; a língua relativamente autônoma, não vista mais apenas como estrutura, e sim concomitantemente como estrutura e acontecimento; o discurso como um objeto sócio-histórico; sociedade e história indissociáveis.

Quanto ao Marxismo, são colocados questionamentos acerca da imbricação entre o simbólico e o político. No contexto da psicanálise, a ideologia é associada ao inconsciente, sem, no entanto, ser completamente absorvida por ele. Diante dessas rupturas epistemológicas, a Análise de Discurso Francesa é consolidada pela reterritorialização do recorte das três disciplinas citadas.

O foco da Análise de Discurso Francesa não é a frase ou o texto, não é a gramática, não é a língua. Embora todos esses componentes sejam relevantes para a mencionada área, seu objeto principal de estudo e análise é o discurso. Este compreendido como objeto histórico e político, não como sinônimo de fala. Analistas materialistas do discurso compreendem a língua como parte constitutiva da sociedade, intrínseca à ideologia, com

múltiplas formas de significar e produzir sentidos diversos. Portanto, a língua não consiste em um sistema abstrato de signos a serem codificados ou fechada em si. Conforme indicado na citação abaixo.

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com as maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2009, p. 16)

Compreende-se que a AD não concebe a língua como um simples sistema abstrato, como na dicotomia *parole* (fala) e *langue* (língua), proposta por Ferdinand Saussure em sua obra póstuma “Curso de Linguística Geral”. Considerava-se a fala algo individual, subordinada à língua. Esta, na visão saussuriana, coletiva e autônoma.

É necessário destacar que o imaginário de sujeito abstratamente livre, postulado por Saussure, não é vigente para a AD. O sujeito não está no controle do que enuncia, não é totalmente livre, é assujeitado e constituído pela ideologia, reproduz discursos que perpassam gerações por intermédio dos processos parafrásticos e polissêmicos. Em vista disso, para a AD, a língua é um acontecimento sócio-histórico marcado pela sua utilização através do homem e suas práticas sociais, relativamente autônoma, com formas de interpretar e produzir sentidos numa sociedade estruturada pela disputa entre as formações discursivas e os efeitos ideológicos. O sujeito, por sua vez, é determinado pela língua e pelas estruturas político-sociais.

Entre os pioneiros da AD, destacam-se dois autores que tiveram um papel fundamental para o surgimento da referida disciplina, Michel Pêcheux e Jean Dubois¹⁵. Ambos foram essenciais para introduzir um novo modo de leitura e interpretação acerca do discurso. Pêcheux atrelado aos estudos do marxismo, às ciências humanas, à psicanálise e às lutas de classe.

Quanto Dubois, atuante nos estudos de textos políticos à época e na transição dos estudos dos vocábulos para o enunciado, buscando relacionar o linguístico com o histórico, sociológico e psicológico, conforme apontado na citação abaixo.

Marxismo e linguística presidem então o nascimento da AD em suas bases teóricas, propondo-a como novo modo de leitura. É nesse momento que Dubois a coloca no terreno dos grandes estudos dos textos políticos da época, sendo pensada a passagem do estudo das

¹⁵ Foi um lexicógrafo, linguista francês e pioneiro nos estudos da Análise de Discurso Francesa. Desenvolveu estudos acerca da linguagem, demonstrando grande interesse pela Literatura e Gramática.

palavras (lexicografia) ao estudo do enunciado (análise do discurso), procurando, de certa forma, relacionar o linguístico com o meio sociológico, histórico e psicológico. Já Pêcheux a concebe como a ruptura epistemológica com a ideologia que domina as ciências humanas, relacionando a questão do discurso com as questões que relacionavam sujeito e ideologia. Tanto para Dubois como para Pêcheux, uma disciplina se achava instituída, uma disciplina dita transversal, que se recusava a aplicar os conceitos advindos puramente da linguística, pois era na confluência de diversos campos do conhecimento que se romperiam as fronteiras e se constituiria um novo objeto, que era o discurso. (MUSSIO, 2021, p. 46)

Trata-se de um novo olhar para o objeto da Linguística, a língua. Momento de ruptura e reterritorialização, no qual uma compreensão menos ingênua é adotada. O Marxismo, a Linguística e a Psicanálise presidem as bases epistemológicas da AD, logo, faz-se necessário registrar que, com essa nova proposta, o linguístico é relacionado à historicidade e a seus efeitos ideológicos e contraditórios. Ademais, um novo entendimento acerca do discurso surge, consistindo na tríade sujeito-história-ideologia desenvolvida por Pêcheux e outros importantes estudiosos. Por intermédio dos aspectos epistemológicos descritos e a proposta de ruptura e, concomitantemente, reterritorialização elucidadas ao longo dos parágrafos, a AD se consolida no rol das ciências modernas.

2. Sujeito, discurso e historicidade

Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar.

(Eni Orlandi)

Quando se pensa sobre a relação entre sujeito e ideologia, é fundamental salientar que, para a AD, ser sujeito é ser constituído pela ideologia, sob condições sócio-históricas, significa ser filiado a formações imaginárias e discursivas, assumir determinados lugares de enunciação e posições ideológicas perante o referente. O sujeito significa a partir de

posição(ões) ideológica(s) cristalizada(s) na sociedade e a(s) reproduz discursivamente, conforme a formação discursiva na qual se inscreve. O discurso, por sua vez, existe sem início marcado, fim absoluto, sem titular.

Em relação a esse último aspecto, não se pode afirmar que o discurso surge em um dado momento histórico, encerra-se em outro, ou possui um “dono do dizer”. Esta idealização de sujeito livre, senhor acerca do que enuncia, não é vigente para AD. Também, vale destacar que o discurso não é conceituado como transmissão de informações ou sinônimo de fala, tal como frisado nas palavras de Orlandi (2009, p. 21):

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas em transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um trabalho assim serializado: alguém fala, refere a alguma coisa, baseando em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que o primeiro fala e o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. (...) Também não se deve confundir discurso com “fala” na continuidade da dicotomia (língua/ fala) proposta por F. Saussure. (...)

O discurso não consiste em uma mera transmissão de informação, como se esta fosse a “função” primordial do discurso, em que temos um emissor, aquele que emite a mensagem, um canal, o meio que ocorre a mensagem, o receptor que recebe e decodifica a mensagem, o código, idioma utilizado para a materialização da informação e, por fim, o referente, o assunto sobre o qual se enuncia.

O sistema de comunicação descrito acima é criticado por Orlandi. Esta o relaciona às práticas conteudistas da linguagem, aos elementos da comunicação e às funções da linguagem articuladas por Roman Jakobson.

Nesse sistema, entende-se uma regularidade e sequência acerca da discursividade, no qual um sujeito fala, enquanto o seu interlocutor aguarda. Somente após o primeiro interlocutor enunciar e após o segundo receber a mensagem e decodificá-la, ocorre a resposta. Neste ponto fundamenta-se a crítica proposta por Orlandi: não há divisão entre o emissor e o receptor. Estes interlocutores não estão separados no discurso, ou ainda, não se sustenta a ideia de linearidade no ato comunicativo, no qual um fala depois do outro. Como apontado pela autora antes, os sujeitos, durante a enunciação, estão, ao mesmo tempo, reproduzindo sentidos conforme a formação discursiva em que estão inscritos.

É fundamental registrar que do mesmo modo que os sujeitos estão vinculados à produção de sentidos de maneira intrínseca, a historicidade não pode ser isolada dos sentidos produzidos no discurso, pois conforme Orlandi (2009, p. 22) em: “O discurso tem a sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”. A proposta para nós, analistas do discurso materialistas, é justamente romper com os métodos conteudistas e considerar a ideologia inerente à historicidade e constitutiva do sujeito.

Além disso, à luz da AD, o discurso não é interpretado como sinônimo de fala, como propôs Ferdinand Saussure na dicotomia “Parole” (Fala) e “Langue” (Língua), já dita.

Não é fala, porque não é individual ou separado de suas condições de produção e da historicidade. No entendimento da AD, o discurso é ideológico e socio-histórico, sem início marcado ou final absoluto, não é restrito a um sujeito.

O fato do sujeito ser constituído pela ideologia torna o discurso um dispositivo ideológico. Pode-se compreender que somos assujeitados pela linguagem, pelas suas contradições e equívocos, de modo que não há espaço para a neutralidade nem mesmo na utilização mais cotidiana da língua. Portanto, o sujeito para a AD é descentralizado, cindido, não possui controle acerca do que pensa ou enuncia, é subordinado à historicidade e aos seus efeitos, um sujeito assujeitado¹⁶.

Interpretar e inscrever-se em determinadas posições ideológicas são fatos intrínsecos ao sujeito tanto quanto a água é para um vertebrado aquático ou o respirar para o ser humano, em consonância ao que afirma Orlandi (2009, p. 45) em: “Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar”.

Realçamos que só existe sentido porque há interpretação. Diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é induzido a interpretar conforme a formação discursiva¹⁷ em que está inscrito. À face do exposto, é necessário dizer que não há um fora da linguagem, tampouco, da ideologia. Utilizando-se novamente das palavras de Orlandi (2009, p. 49): “O sujeito é sujeito de e sujeito à”. O falante é assujeitado à historicidade e à língua, de tal modo que somente faz sentido o dizível porque é subordinado a ambas. Perante isso, conclui-se que, para a AD, o imaginário de sujeito objetivo, consciente e dono do que enuncia, ou até mesmo a tradicional ideia de distanciamento de nossas posições, ou lugares de fala, constituídos pela ideologia, para lançar uma opinião dita geralmente como “neutra”, não são vigentes.

¹⁶ Sujeito atravessado por formações discursivas e ideológicas, assujeitado à linguagem e à história, não possui controle do que diz e pensa na sua relação imaginária com o mundo.

¹⁷ De modo sucinto, essa noção refere-se à corrente ideológica que o sujeito se inscreve para significar, isto é, aos sentidos que reproduz, tomando-os como evidência.

O sujeito está inscrito em formações discursivas. Desse modo, é interpelado e subordinado pela ideologia ao inscrever-se na linguagem. Tal interpelação e subordinação manifestam-se no discurso enunciado pelo sujeito. No contexto religioso, o discurso cristão evangélico não é caracterizado por transmissão de dogmas ou ensinamentos divinos. Pelo contrário, assim como outros discursos, tal é ideológico. O sujeito evangélico, a partir da formação discursiva na qual está inscrita e pela posição de sujeito, é interpelado pela ideologia, possibilitando a produção de sentidos.

A título de exemplo, em pleno século XXI, considerando os acontecimentos históricos vividos (abolição da escravidão, passagem por duas guerras mundiais, superação do Nazismo e de regimes totalitários, minorias assumindo lugares de destaque), ao nos depararmos com certas posições ideológicas retrógradas, como o racismo¹⁸, ou até mesmo presenciarmos alguém utilizando a suástica¹⁹, despertará em muitos um sentimento de revolta e desejo de justiça. Pois, os momentos históricos descritos estão inscritos na historicidade, os efeitos ideológicos são manifestos no sujeito. Acerca dessa relação com a história, Orlandi afirma:

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua, com a história para que haja sentido. (ORLANDI, 2009, p. 47)

Ideologia não é uma visão de mundo ou posições exclusivas do sujeito, ou até mesmo, ocultação do real. A compreensão do termo ideologia não está estagnada a esses níveis. Depreende-se que é uma dimensão constituída na relação do homem com a historicidade e produtora de evidências. Nesse vínculo, sujeito e história, sentidos são produzidos, reproduzidos e perpetuados na sociedade, especificamente, pelo funcionamento do interdiscurso. Em relação a essa terminologia, Orlandi (2009, p.30-34), define o interdiscurso como o dizível, aquilo que já foi dito em outro momento e esquecido. Todavia, faz-se presente

¹⁸ Aqui podemos utilizar, como exemplo, o caso de George Floyd. Homem negro violentamente assassinado, em decorrência de um estrangulamento, por um policial branco nos Estados Unidos. Esse acontecimento deu início a uma onda de manifestações mundiais em busca de justiça contra o crime de racismo cometido e tendo como lema a expressão “Black Lives Matter” (Vidas negras importam). As últimas palavras de George Floyd foram: “I can't breathe” (Eu não consigo respirar).

¹⁹ Cruz com braços dobrados em ângulos retos associada ao partido nazista alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Os nazistas se apropriaram do símbolo dando-lhe um significado de supremacia. Cabe dizer que em algumas culturas a suástica possui uma conotação positiva, como bem-estar ou boa fortuna. Entretanto, devido à utilização nazista, o símbolo adquiriu negatividade e aversão em muitas culturas. No Brasil é proibido, por legislação, a sua utilização.

no discurso ao longo da história e constrói sentidos, a memória discursiva, “uma voz sem nome”.

Somente há realidade, porque há ideologia. É por essa razão que entendemos o que é um pedreiro ou um juiz e suas respectivas funções, direita ou esquerda, idôneo ou imoral, como se portar em certos ambientes, o que é apropriado falar ou não falar em dadas circunstâncias. Estes são os efeitos ideológicos se manifestando no e para o sujeito. Nascemos e somos inseridos em uma sociedade já governada pelos processos ideológicos, pelos contratos de etiqueta, pela disputa entre o mesmo e o diferente. Desde a infância somos interpelados pela cultura a qual convivemos, com pouco ou quase nenhum poder de escolha, ou decisão, pela autoridade de nossos responsáveis exercida sobre nós, inclusive, que foram assujeitados ao mesmo processo que perpassa gerações: o lugar de mãe, pai e filho, vinculado às suas respectivas posições. A respeito desse ponto, cabe dizer que nem sempre o lugar coincidirá com a posição de sujeito. Sujeitos podem ocupar posições que não vão ao encontro do grupo social ao qual pertencem, isto é, o lugar.

À luz desses exemplos, tais sentidos foram produzidos por alguém, reproduzidos por outros, perpetuados e esquecidos no social, a ponto que não se faz necessário descrever as características e funções de um pedreiro ou juiz, mãe ou filho, para identificá-los. Assim ocorre o funcionamento ideológico, pelo esquecimento²⁰ de sentidos que se manifestam nos sujeitos, que, por sua vez, reproduzem no discurso.

Muito se ouve falar que a linguagem, o sujeito e os sentidos são transparentes. Cabe aqui observar que, para a AD, a linguagem não é transparente. Nem tudo está claro na linguagem, nos sentidos, no sujeito. À vista disso, a corrente teórica a que este trabalho é filiado distancia-se de concepções conteudistas já refutadas aqui. Enquanto para estas interessa analisar o que o texto diz, para a AD, a análise ocorre pelo questionamento de como um texto reproduz sentidos em sua relação com a historicidade. É na contradição, no equívoco, na tríade historicidade-ideologia-sujeito que o analista do discurso desenvolve suas análises e interpretações.

3. Condições de produção e historicidade

Para a AD, existem duas concepções de condições de produção do discurso. A primeira concerne à condição de produção em sentido estrito, de ordem enunciativa. Enquanto

²⁰ Michel Pêcheux aponta para dois esquecimentos, o primeiro trata da ilusão que o sujeito possui de ser a origem do dizer, o segundo, que o dizer sempre poderia ser outro. Ao falar de uma forma, poderíamos falar de outra mantendo a mesma rede parafrástica. Convém ressaltar que esses dois esquecimentos são estruturantes para o sujeito e o sentido.

a segunda, em sentido amplo, compreende a organização da sociedade e as relações estruturantes de poderes, por exemplo.

No que se refere à condição de produção em sentido estrito, observa-se que é aquela vinculada ao contexto imediato. Isto é, em que local o discurso²¹ é reproduzido, para quem se fala, sob quais condições enuncia-se, quais são os sujeitos presentes no ambiente, o momento, os apoiadores ou contrários, entre outros fatores.

Com relação ao sentido amplo, é aquele relegado à organização da nossa sociedade (capitalista de direitos e deveres), às relações de poder nela estabelecidas (patrão e empregado), ao sistema de governo vigente (democracia), às formações discursivas enraizadas, às leis, aos marcos históricos, às lutas de classes, aos confrontos geopolíticos, à história etc. A respeito desse último aspecto elencado, entra em cena a historicidade²². Com o intuito de explicar detalhadamente essa última terminologia, recorreremos à Literatura Brasileira, especificamente em um romance do século XIX, intitulado “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis²³. Nesta obra, a referida autora relata a escravidão sob a ótica dos escravizados, à luz de uma corrente abolicionista. O livro em questão foi escrito por uma mulher e publicado em 1859, sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, visto não ser comum e permitido naquela sociedade patriarcal mulheres escritoras.

As condições de produção relacionam-se à época marcada pelo regime escravocrata, pela luta dos afrodescendentes, pela exploração exercida pelos senhores, pela memória do colonizador. Estes aspectos destacados são constitutivos da escrita do romance mencionado. Aqui, entra em cena os efeitos da historicidade, o modo como a história constitui as práticas e as formulações dos sujeitos.

Maria Firmina dos Reis escreveu “Úrsula” com um forte teor abolicionista, relatou a luta dos escravos, as explorações dos senhores, a crueldade e desigualdade promulgada pela escravidão, porque, sendo sujeito, foi assujeitada à historicidade. Este é o efeito da história, não há como estar isento dela. O referido romance, em parte, faz sentido por estar assujeitado

²¹ Compete expor que o discurso não é sinônimo de fala. Esta se refere ao verbo falar, está restrita a um momento específico, é de ordem enunciativa. Discurso se relaciona aos sentidos reproduzidos nas relações sócio-históricas do homem, é de ordem ideológica e perpassa gerações por meio de processos parafrásticos e polissêmicos.

²² De modo geral, este termo refere-se à construção da sociedade, às suas relações ao longo da história, do sujeito e do discurso na linha do tempo, considerando os acontecimentos históricos e marcos políticos. A historicidade também se relaciona à contradição entre as diferentes formações discursivas que constituem o social, evidenciando como os discursos, ao longo do tempo, se entrelaçam, se confrontam e configuram as práticas e sentidos sociais em permanente transformação.

²³ Uma das figuras mais talentosas da Literatura Brasileira, publicou obras marcadas com uma forte crítica social, como o conto “A escrava” e o romance “Úrsula”. Foi escritora, romancista, professora primária e musicista. Viveu a transformação do Brasil Colônia em reino governado por D. João VI, e anos depois a Independência do Brasil, presenciou as correntes abolicionistas e a abolição da escravidão. Foi responsável por criar a primeira escola mista no Maranhão.

à historicidade e inscrever-se em uma rede de sentidos abolicionista. Diante do exposto, compreende-se que o sujeito não está fora da história. Pelo contrário, todo e qualquer discurso é vinculado às condições de produção do momento em que se vive, apontando, inclusive, para aquelas já vividas outrora.

Em suma, descrito o percurso histórico da AD, detalhadas as noções de sujeito, historicidade e discurso, explicadas as definições das condições de produção, frisado o assujeitamento do sujeito à historicidade, cabe realizar a seguinte questão a qual este trabalho se ancora: **Como determinados líderes religiosos evangélicos produzem sentidos quando enunciam sobre a homossexualidade?**

Antes de adentrarmos nas apresentações e análises do discurso religioso, é necessário apresentar uma breve conceituação acerca do nosso objeto de investigação.

Inicialmente, na obra “Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos”, Orlandi (1987, p.242-243), define o discurso religioso como “aquele em que fala a voz de Deus”. Compreende-se, com essa primeira definição exposta, que o discurso religioso tem como base a autoridade divina, na qual não importa qual sujeito enuncia, quem discursa não é o sujeito, é a sua divindade. Em outras palavras, o sujeito fiel enuncia a voz de Deus. A palavra “voz”, neste contexto, é significada como os ensinamentos e dogmas proferidos pela divindade apresentada que circulam por meio de dizeres. Posteriormente, a mencionada autora revê a definição do referido discurso. Nessa segunda conceituação, Orlandi evidencia que o funcionamento discursivo do discurso religioso ocorre pelo silêncio divino. Ou seja, a partir do silêncio de Deus, os fiéis e líderes religiosos produzem sentidos:

Dessa perspectiva, a do analista de discurso, o que se pode dizer é que o que funciona na religião é a onipotência do silêncio divino. Mais particularmente, isso quer dizer que, na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma fala específica: a de sua espiritualidade.(...) Assim, reformulando a definição que havia proposto, eu diria agora que o discurso religioso, em seu silêncio, “O homem faz falar a voz de Deus”. (ORLANDI, 2007, p. 28)

O sujeito religioso, ou fiel, é assujeitado pelo silêncio de sua divindade de tal maneira que reproduz sentidos que ao longo da história foram caracterizados como mandamentos divinos, os quais não podem ser transgredidos sem que sofram penalidades. As práticas desses sujeitos no social e individual deverão obedecer aos dogmas que a voz suprema diz. Ao serem assujeitados, assumem a posição de inferiores perante a sua divindade, sem poder de escolha, como apontado na citação abaixo.

O discurso religioso pressupõe Deus como o sujeito por excelência, aquele cuja imagem possibilita a constituição de formas específicas de assujeitamento que se dão à sua semelhança. Desse modo, os sujeitos/fiéis submissos a Deus, já se constituem com um marcador de diferença importante: sendo concebidos à semelhança da imagem divina, já se colocam na impossibilidade de o sê-lo, ou de se colocar em uma posição de equivalência no que se refere à posição ocupada por Deus. (FATIMA,2018, p. 38)

Constata-se Deus como ser por excelência no discurso religioso. Ser onipotente tomado por referência e adoração entre os seus fiéis e adeptos à liturgia. Estes, ao se assumirem assujeitados a sua divindade, entendem que são inferiores, não podendo ser iguais a Deus, por mais que tenham sido criados a imagem e semelhança da mencionada divindade na concepção cristã.

Todavia, a questão não se resume à ideia anterior. Outro imaginário acentuado no meio religioso consiste na concepção de livre arbítrio fortemente pregada. Em relação a esse ponto, ocorre a contradição na língua manifestada pelo sujeito fiel adorador. Este, ao mesmo tempo que reconhece ser submisso a sua divindade e à palavra, prega o imaginário de que todos são livres para realizar escolhas. Novamente, citando Fatima (2018, p. 38): “Há, portanto, uma contradição constitutiva no funcionamento do discurso religioso: o sujeito se diz livre, ao mesmo tempo, em que aceita a coerção que lhe é imposta para ser reconhecido como sujeito de sua fé”. A partir do exposto, verifica-se que os sentidos estão em disputa no discurso religioso, ora o fiel é submisso a sua divindade, ora detém a capacidade de fazer escolhas. Entende-se, portanto, que o sujeito é afetado pelo real da língua, de modo que os efeitos da historicidade, contradição e equivocidade estão entrelaçados.

Cabe ainda especificar outra figura importante, atuante nesse processo de disputa, o líder religioso, comumente conhecido como pastor, nas religiões protestantes, o qual toma para si e enuncia o discurso cristão. A esta figura é destinada à posição de autoridade religiosa escolhida e ungida por Deus.

À frente de sua congregação, o líder religioso é considerado uma referência espiritual, encarregado de pregar os dogmas de sua liturgia, como também auxiliar seus seguidores. Para exercer este ofício, existe um funcionamento imaginário que ao pastor cabe estudo e preparação teórica. Determinadas congregações não exigem a formação em Teologia para assumir a pastoral. Todavia, imaginariamente, deve-se ter conhecimento e domínio dos textos bíblicos, bem como boa comunicação.

Em determinadas congregações, o líder religioso é considerado a maior autoridade, em outros templos, ele realiza a sua gestão em parceria com outros membros, na coletividade, não possuindo a capacidade de realizar decisões de modo individual. É necessário observar que cada igreja dispõe de um ministério, ou seja, possui formas próprias de organização e atuação na sociedade. Todavia, é fulcral apontar que a voz de Deus é manifesta através do pastor. Ou seja, o líder religioso toma posse do silêncio divino para dar-lhe sentidos. Dentro dessa formação imaginária, quando o pastor enuncia, Deus também fala. Logo, há um mecanismo de subsunção de uma voz pela outra.

No contexto do discurso religioso cristão evangélico, o termo subsunção se refere a um processo discursivo em que práticas, experiências e interpretações diversas são inseridas e reinterpretadas sob uma perspectiva religiosa. A subsunção ocorre quando o discurso religioso toma um elemento cultural, social ou individual e o redefine dentro dos próprios valores e normas do sistema religioso, muitas vezes ressignificando o elemento para que ele se adeque à narrativa e ao entendimento religiosos.

A "ilusão de reversibilidade", conforme Orlandi, é um conceito que possibilita compreender como, no discurso religioso cristão evangélico, figuras de autoridade, como líderes religiosos (pastores), apropriam-se da voz de Deus, conferindo sentido às suas próprias palavras como se fossem a manifestação divina. Orlandi destaca que essa estratégia discursiva ocorre quando o pastor, ao interpretar e proclamar a palavra de Deus, estabelece uma relação simbiótica entre a própria voz e a voz divina, fazendo com que seus pronunciamentos sejam aceitos e validados pelos fiéis como a verdade promulgada por Deus.

Tal processo ocorre, pois o pastor assume uma posição de "porta-voz" de Deus, na qual não apenas interpreta os textos sagrados, mas age como se o próprio Deus falasse através dele. A "reversibilidade" se apresenta enquanto a voz do pastor é tomada como uma extensão da voz divina, criando uma mistura entre o dizer humano e o dizer sagrado. Em termos discursivos, essa ilusão é constituída por intermédio da autoridade simbólica do pastor perpetuada na historicidade, que utiliza uma série de estratégias linguísticas e simbólicas para se apresentar como o canal legítimo de Deus na terra.

Orlandi nos faz ver que essa ilusão não é uma simples manipulação, é um efeito discursivo poderoso que se sustenta no campo simbólico da fé. Dessa forma, a comunidade de fiéis não apenas acredita na mensagem, mas participa de uma experiência em que o discurso do pastor é sentido como incontestável, pois parece vir de uma fonte superior e infalível, Deus. A língua aqui, portanto, não é apenas meio de comunicação, mas o próprio meio de

produção de um imaginário, no qual o pastor se torna o agente que "dá sentido" à voz divina, ao mesmo tempo, em que a reinterpreta segundo sua própria visão e valores religiosos.

Em última análise, a ilusão de reversibilidade permite que o discurso religioso cristão evangélico ganhe força e legitimidade, fazendo com que o seguidor (fiel) perceba o pastor não só como um intérprete, mas também como uma encarnação da vontade de Deus, transformando o que poderia ser uma interpretação pessoal em uma verdade universal.

A partir de agora, adentraremos nas análises do discurso religioso cristão. No primeiro momento, são abordadas as condições de produção em sentido estrito e amplo de cada discurso religioso. A primeira entrevista analisada foi concedida pela cantora gospel e líder religiosa²⁴ Aline Barros. Em seguida, apresentamos as análises dos dizeres enunciados por Bruna Karla e Silas Malafaia, respectivamente.

4. Condições de produção e análise do discurso religioso cristão

4.1. Aline Barros

Aline Barros é uma cantora gospel²⁵, líder religiosa, escritora e multi-instrumentista brasileira. Formada no curso de Biologia Marinha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, nunca exerceu a profissão, pois, conforme a artista, não se identificou com a área. Filha de líderes religiosos, desde sua infância está inserida no mundo religioso e gospel²⁶.

²⁴ No imaginário social, líder religioso é aquele que está à frente de um templo ou comunidade religiosa, encarregado de pregar os dogmas de sua religião. Além disso, há um imaginário de auxiliar os fiéis em suas decisões, agir com empatia e amor ao próximo. Aqui cabe uma observação, este termo pode ser utilizado por outras religiões, não é restrito ao Cristianismo.

²⁵ Uma cantora gospel é uma artista que canta músicas cristãs visando propagar mensagens religiosas, de fé e espiritualidade, frequentemente ligadas a temas como esperança, superação e louvor a Deus. Esse estilo de música, que começou em igrejas e comunidades religiosas, ganhou projeção e popularidade, alcançando audiências mais amplas, tanto dentro quanto fora do ambiente religioso. No Brasil, o gênero gospel tem uma presença marcante, e muitas cantoras se tornam figuras influentes, com milhões de seguidores e músicas que atingem as paradas de sucesso. Essas cantoras estão fortemente vinculadas à mídia e usufruem de uma posição de celebridade. Elas participam de programas de televisão, entrevistas, eventos e campanhas publicitárias, e têm grande presença em redes sociais, como Instagram e YouTube, nas quais compartilham aspectos de sua vida pessoal e profissional, além de mensagens religiosas. Essa presença constante nos meios de comunicação permite que seu trabalho e sua imagem se tornem amplamente conhecidos, fazendo com que transcendam o papel de artistas religiosas e passem a ser figuras midiáticas de destaque. Essa condição de celebridade é intensificado pela grande base de fãs e seguidores que essas cantoras têm. Elas frequentemente atuam como influenciadoras, compartilhando opiniões e conselhos que podem influenciar o comportamento e as escolhas de seus seguidores, especialmente em temas religiosos e morais. Dessa forma, sua influência vai além da música, atingindo também aspectos culturais e sociais.

²⁶ O termo gospel refere-se a um gênero musical originário dos Estados Unidos que integra elementos da música cristã com influências de espiritualidade afro-americana. Surgido nas igrejas protestantes do sul dos EUA no final do século XIX, o gospel se desenvolveu especialmente em comunidades negras, combinando canto coral, forte uso de instrumentos como piano, voz potente e uma forma expressiva de apresentação. No Brasil, o gospel se expandiu principalmente nos anos 1980 e 1990, com a popularização de igrejas evangélicas e cantores como Aline Barros e Fernanda Brum, que ajudaram a levar o gênero para além do ambiente religioso, influenciando a música popular e a mídia em geral. Hoje, o gospel se apresenta em diferentes subgêneros e estilos, desde o gospel tradicional, mais voltado para o estilo coral, até o contemporâneo, com elementos de pop, rock e

Aprendeu a cantar ainda muito jovem no ministério de louvor da igreja a qual pertencia. Ao decorrer do tempo, tornou-se muito popular entre a comunidade cristã e além dela. Barros é referência para outros cantores gospels, por exemplo, Bruna Karla.

Citada por diversos veículos midiáticos, como “The New York Times”, registrou seu nome no cenário musical gospel. No momento desta pesquisa, a cantora é membro da Igreja Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul²⁷, no Rio de Janeiro, possui *status* de celebridade. Em seu perfil no *Instagram*²⁸, dispõe de mais de sete milhões de seguidores; em sua página²⁹ no Facebook, possui mais de quinze milhões de curtidas; no canal³⁰ oficial do YouTube, conta com mais de 1.257.306.179 visualizações e três milhões e quarenta e quatro mil inscritos. É casada com o ex-futebolista, agora pastor, Gilmar Jorge dos Santos³¹, com quem tem dois filhos. Foi convidada e participou de diversos programas televisivos de alcance nacional, como: Eliana, De frente com Gabi, Encontro com Fátima Bernardes, The Noite com Danilo Gentili, Altas Horas com Serginho Groisman, Faustão, Conversa com Bial, Teleton AACD, o extinto programa Xuxa, entre outros.

É dona dos sucessos gospels “Ressuscita-me”, “Sonda-me”, “Não me calarei”, “Vitória no deserto”, entre outras canções e álbuns de destaque. Recebeu diversas premiações, entre elas, oito Grammys Latinos, um dos prêmios mais importantes do mundo fonográfico, e seus CDs são discos de ouro e platina. Aline Barros, com 47 anos, tendo mais de trinta anos de carreira musical, ainda continua nos holofotes, é frequentemente convidada para entrevistas em diversos programas de televisão. A entrevista analisada ocorreu em um programa televisivo e foi alvo de polêmica na mídia.

eletrônico. Além da música, o gospel também representa um movimento cultural e social que promove valores e práticas da fé cristã, sendo um meio de expressão de espiritualidade e identidade para muitos fiéis e um veículo de evangelização.

²⁷ Igreja evangélica e grupo de louvor cristão contemporâneo ativo desde 1984. Pioneiro no canto congregacional, com sede no Brasil, EUA e Europa. Atualmente, é dirigida pelos presidentes Marco e Juçara Peixotos. A comunidade é conhecida internacionalmente, possui um programa intitulado Rompendo em Fé, transmitido pela emissora Redetv e Band-RJ, está no ar há mais de 15 anos. O presidente Marco Peixoto é autor de mais de vinte livros de teor cristão.

²⁸Aline Barros. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/alinebarros?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=OGQ5ZDc2ODk2ZA==>. Acesso em: 21/01/2024.

²⁹Aline Barros. Facebook, 2024. Disponível em: <<https://www.facebook.com/alinebarrosonline/followers/>>. Acesso em: 21/01/2024.

³⁰Aline Barros. YouTube, 2024. Disponível em: < www.youtube.com/@AlineBarros >. Acesso em: 21/01/2024.

³¹ Mais conhecido como Gilmar Santos, é um ex-jogador de futebol na posição zagueiro de clubes como: Palmeiras, Botafogo, Flamengo, São Paulo, Cruzeiro, entre outros times. Atualmente, é pastor auxiliar da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul-RJ e esposo da cantora gospel Aline Barros.

Atualmente, a cantora gospel possui contrato com a Sony Music.³² As informações, até aqui listadas, foram retiradas do site oficial da cantora gospel, disponível na nota de rodapé abaixo, e de algumas entrevistas em que Barros conta a sua história.

A entrevista concedida por Aline Barros ocorreu em 2018, ano eleitoral, em um programa de entrevistas denominado “Mariana Godoy”, na emissora Rede TV. Um dos entrevistadores lê para Aline Barros a pergunta de uma internauta. Diante do questionamento, a cantora fornece a sua resposta acerca do que lhe foi perguntado. Vale ressaltar que havia presente no local uma plateia, outras personalidades, como a âncora Mariana Godoy, jornalista e entrevistadora, e, por fim, a audiência do programa. Atualmente, o trecho que contém o pronunciamento enunciado pela cantora gospel conta com mais de 347.807 visualizações, mais de 11.000 curtidas, 9.679 comentários no canal da emissora citada, na plataforma de *streaming YouTube*. Abaixo, encontra-se a transcrição do enunciado e, em seguida, a análise.

Um dos entrevistadores lê para Aline Barros a seguinte pergunta:

“Por um acaso, com todo respeito, é claro, você é contra os gays, Aline?”

Aline Barros³³:

Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. E, o meu coração sempre vai tá aberto pra liberar amor, pra liberar essa fonte de amor que é Jesus dentro da minha vida, ela tá sendo liberada todos os dias. Conheço pessoas, né, que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer pra você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta. Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem se unir a sua mulher, que os dois fossem uma só carne e que eles pudessem multiplicar. Né! E encher a terra. Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, como eu falei, né!. (...)

A ideologia não é visão de mundo, ocultação da realidade ou conjunto de interpretação. Pelo contrário, consiste nas evidências produzidas na relação do sujeito com a

³² História. AB, Aline Barros, 2024. Disponível em: <<https://www.alinebarros.com.br/#biografia>>. Acesso em: 21/01/2024.

³³ O pronunciamento transcrito acima pode ser acessado em: “Não concordo com as práticas”, diz Aline Barros sobre a homossexualidade. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/xrR5HrpPRP4?si=ULIbRJK7X73LDVrk>>. Acesso em: 21/01/2024.

história e a língua. O discurso somente faz sentido porque o sujeito é assujeitado à história, em determinadas condições de produção. Logo, para o analista é inviável realizar suas análises discursivas sem considerar a história e as condições de produção do discurso. Destacamos que as análises a seguir consideram os aspectos mencionados. Apenas dessa forma é possível superar as práticas conteudistas das quais nos distanciamos.

4.1.1. Pecado e amor

O pecado é geralmente relacionado à transgressão e à desobediência dos dogmas religiosos e ensinamentos promulgados por alguma doutrina ou divindade. Nesta perspectiva, há uma conotação de erro ou desvio em comparação a algo considerado ideal. Quanto ao amor, qualquer pessoa que enunciar amar alguém, entretanto, condenar suas “práticas”, exemplifica um modo de amar cínico. Na formulação recortada a partir da entrevista de Aline Barros, o amor é anunciado, mas vem condicionado por uma rejeição ao que é essencial à identidade do sujeito “amado”. Esse modo de significar o amor traz consigo o cinismo, pois, embora se apresente como compassivo e verdadeiro, é carregado de julgamento e reprovação.

A líder religiosa enuncia amar o homossexual, mas recusa a autenticidade de sua sexualidade, delimitando os limites do seu “amor” ao que se encaixa dentro da sua fé. Tal postura revela o paradoxo de um amor que se pretende ao incondicional, baseado na exigência de mudança ou negação da própria essência do outro. Portanto, o amor é usado como uma máscara de tolerância, enquanto perpetua preconceitos sob a aparência de benevolência. Configura-se então uma relação equívoca, em que a aceitação é apenas parcial, ou inexistente.

SDI:

Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. E, o meu coração sempre vai estar aberto pra liberar amor, pra liberar essa fonte de amor que é Jesus dentro da minha vida, ela está sendo liberada todos os dias.

Nesta primeira sequência discursiva, Barros enuncia que os seus posicionamentos perante a vida sempre estarão embasados na “palavra de Deus”, pois, no seu imaginário, a cantora gospel vive “a palavra”. O verbo viver, conjugado no presente do indicativo, “vivo”, comumente assume um sentido de certeza. Entretanto, nessas condições de produção, os sentidos não somente reproduzem afirmação. Ao enunciar que vive a palavra, Barros expressa crença, respeito e obediência ao que “palavra” significa no imaginário cristão em que está

inscrita. Ademais, Barros frisa que suas decisões estarão atreladas aos ensinamentos e dogmas de sua religião, de sua divindade. Conseqüentemente, suas atitudes e ações no social serão ditadas pelo seu Deus e a palavra que vive. Compreende-se que a cantora gospel evidencia que não é ela, Aline Barros, quem fala, mas, sim, a palavra, sua divindade, outra voz. Pode-se observar que Barros legitima a posição que assume a partir da referência a Deus e sua palavra.

O efeito produzido é de não ser Aline Barros quem diz, pois a palavra é promulgada por sua divindade. Todavia, é importante registrar que há uma equivocidade oriunda do termo “A palavra”. Esta pode fazer menção à palavra da sua divindade, do seu líder religioso, da sua igreja ou denominação religiosa.

Barros não detalha qual seria o ensinamento exercido pelo vocábulo citado, possibilitando diversas menções a trechos bíblicos contidos no livro mencionado que consideram a homossexualidade uma prática pecaminosa e profana. O vocábulo faz menção a dizeres perpetuados, no meio cristão, por intermédio de interpretações oriundas de outros líderes religiosos reproduzidas no discurso religioso enunciado pela cantora gospel. O interdiscurso inscreve-se no fio do dizer pelos mesmos processos parafrásticos, o já dito, neste caso, a homossexualidade significada como prática pecaminosa.

Os sentidos reproduzidos por Barros são os mesmos reproduzidos por outros líderes religiosos, como: Silas Malafaia, quando comparou os homossexuais a bandidos e assassinos³⁴; Bruna Karla, quando declarou que jamais cantaria no casamento homoafetivo de um amigo homossexual³⁵. Estas colocações estão inscritas na mesma formação discursiva cristã conservadora, os processos parafrásticos presentes nesses discursos apontam para um já dito: **“A homossexualidade é pecado, é escolha”, “a palavra é contra essa prática”, “não foi para isso que Deus criou o homem e a mulher, é errado” etc.**

A líder religiosa destaca que não concorda com “o pecado”. Este termo, a partir do imaginário cristão, refere-se a ações que transgridem e violam a ética da perspectiva cristã, os mandamentos divinos, a filosofia da religião mencionada, o velho e novo testamento, os exemplos de vida dados por Cristo, ou até mesmo relacionam-se a uma forma de viver mundana centrada nos “prazeres da carne”³⁶. No imaginário cristão, as sexualidades e condutas que não condizem com a forma enunciada como idônea no discurso religioso, por

³⁴ SuperPop: Silas Malafaia: 'sou contra, mas amo os homossexuais. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/SCDLGXfgXYI?si=EfR3PfC42i6wMWDU>>. Acesso em: 21/01/2024.

³⁵ Bruna Karla diz que jamais cantaria num casamento gay. YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/t_RkofVMaEE?si=JG0tPOhuXQikbV_U>. Acesso em 21/01/2024.

³⁶ Expressão utilizada entre os religiosos para designar as vontades do corpo humano. Desejos relacionados ao corpo físico, como vício em relações sexuais, adultério e fornicção. Além disso, a expressão pode ser utilizada para fazer menção aos sete pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça.

exemplo, a homossexualidade, o adultério, a prostituição, a fornicação etc., são práticas pecaminosas que distanciam o sujeito de Deus e acarretam perda de sua salvação após a morte, caso não haja arrependimento e redenção ao divino.

Esse trecho nos leva a uma reflexão sobre o uso seletivo das interpretações bíblicas e as possíveis contradições que surgem ao se adotar uma postura julgadora com base na religião. Quando uma pessoa religiosa, ao interpretar as escrituras, aponta determinados comportamentos como pecaminosos e passíveis de condenação, ela pode, inadvertidamente, estar projetando uma visão particular que, por vezes, deixa de lado princípios fundamentais da própria fé, como o amor e o perdão.

Ao se referir à homossexualidade como um pecado específico, certos líderes e fiéis ignoram que a Bíblia, em seus ensinamentos mais amplos, enfatiza que todos os seres humanos são pecadores, incluindo aqueles que assumem posturas de julgamento. A ideia de que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Romanos 3:23) revela que, sob a ótica cristã, todos estão em condição de imperfeição e, portanto, ninguém possui autoridade moral superior para condenar o outro.

Além disso, ao julgar, violam-se preceitos bíblicos, como o de “não julgar para não ser julgado” (Mateus 7:1). Essa prática de julgamento se coloca em contraste com a prática de amor ao próximo, central ao ensinamento cristão, e configura uma contradição ao reivindicar a fé para apontar o erro alheio, ao passo que a própria pessoa ignora os erros pessoais.

Dessa forma, essa seletividade na condenação de certas práticas revela uma tentativa de se colocar em uma posição especial ou elevada dentro da religião, como se a fé servisse para proteger o indivíduo e, ao mesmo tempo, atacar o outro. Essa visão contradiz o próprio princípio de igualdade e de amor ao próximo e, ao final, torna-se uma prática excludente que está em descompasso com a essência do cristianismo, que prega a compaixão e o respeito entre todos.

A afirmativa de não concordância com o pecado é realizada por intermédio da primeira pessoa do plural, “nós”, o que indica que não é somente a cantora que não concorda com práticas desviantes. A equívocidade constitui a referência presente em “nós”, convocando Deus, a sua comunidade evangélica, um grupo de fiéis da mesma doutrina, os seguidores do Cristianismo, os que se orientam pela palavra de Deus, os que não são pecadores.

É justificado pela líder religiosa que o pecado é algo abominável e que distancia de sua divindade: **“Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus”**. O adjetivo “abominável”, qualificador de

“algo” e também do substantivo “pecado”, personifica-o como intolerável, inaceitável e imoral. A partir da posição de sujeito evangélico, ao citar “a palavra” e o nome de sua divindade, alega-se por que não concordar com a homossexualidade, significando-a como algo pecaminoso. Barros aponta que, apesar de não concordar com a homossexualidade, sem a citar diretamente, ela ama as pessoas, que nas suas palavras: **“Escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha.”** Compreende-se que na formação discursiva em que a líder religiosa está inscrita, a homossexualidade é uma escolha. Ou seja, é gay ou lésbica porque escolheu viver de tal maneira.

Ademais, é possível observar uma antecipação realizada por Barros, para poupá-la de polêmicas. Tal antecipação consiste em expressar sua repulsa pela homossexualidade, condenar a mencionada “prática”, mas dizer que ama aqueles que são homossexuais. A respeito disso, entra em cena a contradição na língua. Como é possível a cantora gospel condenar a homossexualidade e amar aqueles que são homossexuais? Para a AD, para nós analistas materialistas do discurso, os sentidos reproduzidos estão em disputa e contradição. Isto caracteriza um dos funcionamentos da ideologia constitutiva do sujeito, nesta sequência discursiva analisada, expressado pela aversão e afeto concomitantes acerca dos homossexuais.

4.1.2. Homossexuais, sexualidade desviante e a forma correta

A relação entre os homossexuais, as sexualidades humanas e noções de “correto” e “errado” colocam em disputa os sentidos perpetuados no social. Por muito tempo, a sexualidade, no singular, foi interpretada unicamente sob um viés heteronormativo, estabelecendo a relação entre casais heterossexuais como "natural" e "correta". Esta sexualidade é personificada como referência nas práticas sociais. Neste imaginário, outras sexualidades, como a homossexualidade, são consideradas desvios e pecado. Convém ressaltar que esses sentidos estão enraizados em preconceitos e normas sociais hegemônicas, que não reconhecem a diversidade natural das sexualidades humanas.

SD2:

Conheço pessoas que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer para você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta.

Barros, nesta segunda sequência discursiva, expõe conhecer pessoas que são homossexuais. Inclusive, diz que tem contato com eles, pois, como enunciou: **“fizeram meu**

cabelo, [...] me maquiaram". A líder religiosa ainda indica ter um apreço por tais pessoas: **"São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim."** Mesmo diante da admiração exposta, não há concordância com a homossexualidade, significada como uma escolha, isto é, no imaginário de Barros, a homossexualidade é uma prática voluntarista, assim como alguém que escolhe praticar um esporte, podendo, a qualquer momento, não exercer mais tal ação.

Para legitimar a sua discordância com a sexualidade desviante, a líder religiosa explicita seu lugar social como cristã, que imaginariamente segue os ensinamentos bíblicos. Acerca destes dogmas, não se sabe a qual trecho contido na Bíblia ela faz referência, uma vez que não houve especificação. Por fim, é evidenciado que viver como homossexual não é a forma correta de se viver. Ao destacar uma forma correta de viver, é apontada, também, uma forma errada, pelo não dito. Atentemo-nos para o seguinte enunciado: **"posicionamento como cristã."**

Em SD2, é indicado um posicionamento da comunidade religiosa cristã, como se houvesse uma homogeneidade. Dito de outro modo, é como se todos os cristãos adeptos ao mesmo grupo assumissem determinadas concepções de igual maneira: o posicionamento de sujeito evangélico. Quando a referida cantora gospel enuncia ser contra a homossexualidade, personificada como sexualidade desviante, em seu imaginário, todos os adeptos da mesma vertente são contra a homossexualidade. Logo, conclui-se que a posição de sujeito evangélico é caracterizada por condenar as sexualidades que divergem do padrão cis-heteronormativo. A fim de ficar isenta de acusações de ser homofóbica, logo no início, Barros enuncia conhecer e conviver com pessoas que são homossexuais, como podemos observar em: **"Conheço pessoas que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim"**. Nesta formulação, a líder religiosa frisa conhecer tais pessoas, ter convívio e carinho. O sentido produzido é que não seria excludente e homofóbica, pois tem contato e apreço pelos homossexuais.

4.1.3. Criação, família e escolhas

O modo como somos criados por nossos pais, a família a qual pertencemos, as tomadas de posição realizadas durante a vida e a homossexualidade são temas pertinentes à raça humana. A criação no meio familiar tem um papel importante na formação de valores, incluindo percepções acerca da identidade e da sexualidade. Muitas vezes, a família é o primeiro ambiente no qual a criança busca aceitação e compreensão, mas também pode ser

um lugar de conflitos quando a homossexualidade rompe as expectativas estabelecidas pelos progenitores.

Ao longo da vida, determinadas tomadas de posição se tornam centrais. Para um homossexual, tais decisões envolvem não apenas a carreira ou relacionamentos, mas também a coragem de ser autêntico em uma sociedade que ainda é preconceituosa. O peso da criação e dos valores familiares podem contribuir para a aceitação ou um conflito interno, fazendo com que as tomadas de posição sejam marcadas por sérios problemas emocionais e sociais.

SD3:

Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra. Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, né! Como eu falei.

Nesta última sequência discursiva, a criação do homem e da mulher é atribuída à divindade. A partir da posição de sujeito evangélico, não há outro gênero, além de masculino e feminino, que tenha sido criado por Deus.

Ao analisar sob uma ótica materialista discursiva, pode-se concluir que, conforme a líder religiosa, foi considerada a concepção de uma família cis-heteronormativa, caracterizada como “família tradicional”, durante o processo de criação dos seres humanos e ao decorrer da história. Esse imaginário é evidenciado no seguinte trecho: **“Ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra”**. O vocábulo **“multiplicar”** refere-se à reprodução da espécie humana. Outro aspecto relevante, consiste na concepção de família que a cantora gospel possui em seu imaginário. Para a líder religiosa, família é aquela que tem em sua composição homem e mulher.

Conforme Fatima (2018, p. 81): “Dessa forma, o que se tem de ‘normal’ é a identificação com o gênero masculino, ou com o gênero feminino. O que foge disso é passível de estranheza, pois estremece as fronteiras de sentidos do que já estava, aparentemente, resolvido”. Tal como afirmado na citação anterior, família para Barros é aquela significada por sentidos estáveis, neste contexto, formada por indivíduos de sexos opostos, homem e mulher. A esta estrutura familiar é associada a responsabilidade de reprodução. Em seu imaginário, não é possível constatar outras composições familiares, como homoafetivas, que divergem do padrão estabelecido.

O cinismo no discurso religioso cristão evangélico é evidenciado como uma estratégia de sustentação ideológica que busca legitimar o posicionamento de condenação à

homossexualidade com base em pressupostos aparentemente lógicos ou naturais. O "não dito" sobre a extinção da espécie é um exemplo claro de como uma formação discursiva (FD), trabalha com implícitos para produzir efeitos de sentido que naturalizam o preconceito. Esse ponto, quando confrontado com a FD científica, revela uma falácia: a homossexualidade, em termos biológicos e antropológicos, não ameaça a continuidade da espécie. Pelo contrário, sua presença em diversas espécies e contextos históricos humanos aponta para uma funcionalidade social e biológica que transcende a procriação. A ciência, nesse caso, funciona como uma FD que desestabiliza o discurso hegemônico evangélico.

A homossexualidade como um fenômeno biológico que inclui comportamentos como a adoção ou cuidado de filhotes em espécies animais contradiz o imaginário que ela seria "contra a natureza". No caso humano, esse apagamento também nega a dimensão social da homossexualidade como solução para problemas éticos e históricos, como o abandono infantil.

O discurso religioso cristão evangélico evita abordar as contradições entre sua moralidade e a realidade histórica de crianças abandonadas e negligenciadas, muitas vezes em contextos ditos cristãos. Esse apagamento sustenta a hipocrisia cristã mencionada, que privilegia uma moralidade seletiva em detrimento da ética prática de cuidado e acolhimento.

A restrição do sexo à procriação na SD contrasta com práticas reais dentro das próprias comunidades evangélicas, nas quais métodos contraceptivos e relações sexuais fora do objetivo de reprodução são comuns. Esse apagamento evidencia uma contradição interna na FD evangélica, que mantém o discurso moralizante enquanto opera, na prática, de forma diversa. Tal negação do prazer sexual como parte legítima da experiência humana desumaniza a sexualidade e reforça o controle sobre os corpos e desejos, especialmente de sujeitos que fogem à norma cis-heteronormativa. Além disso, o mencionado apagamento colabora para a perpetuação de uma visão limitada e utilitarista do sexo, incompatível com as transformações sociais e culturais contemporâneas.

4.2. Bruna Karla

Desde tenra idade, Karla está inserida no universo gospel, começando a cantar nas igrejas ainda na juventude. Ao longo dos anos, consolidou-se como uma estrela proeminente da música gospel cristã contemporânea, destacando-se também como compositora.

Em suas redes sociais, a líder religiosa acumula mais de 6 milhões de seguidores no *Instagram*, mais de 14,6 mil no *Facebook*, no *YouTube* registra mais de 658.116.843 visualizações e conta com 2,53 milhões de inscritos em seu canal oficial.

A mencionada artista foi indicada ao *Grammy* Latino em cinco ocasiões e vendeu mais de cem mil cópias de seus álbuns. Estes receberam disco de ouro e platina. Sua discografia também é pensada para o público infantil, como o álbum intitulado “Bruna Kids”, que faz sucesso desde seu lançamento entre o público juvenil. Com mais de 400 milhões de reproduções em suas mídias sociais, Karla tornou-se uma das cantoras gospels mais conhecidas no Brasil.

É autora de sucessos notáveis na música gospel, como: "Advogado fiel", "Sou humano", "Cicatrizes" e "Quando eu chorar". Karla é casada com o produtor musical Bruno Santos³⁷, com quem tem dois filhos, e participa da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul-RJ³⁸. Esteve presente em diversos programas de televisão, como: Programa do Ratinho, Eliana, Raul Gil e alguns podcasts. Atualmente, a artista tem 34 anos, dos quais 22 anos são dedicados a sua carreira musical, e possui contrato desde 2001 com a gravadora MK Music.

A entrevista com a cantora gospel ocorreu em 22 de dezembro de 2021, durante o governo Bolsonaro, período de pandemia do Coronavírus, no podcast intitulado “Positivamente Podcast”, dirigido pela ex-modelo, apresentadora e atriz Karina Bacchi.

Atualmente, a gravação do podcast possui mais de 552 mil visualizações no *YouTube*, mais de 43 mil *likes* e 3.372 comentários, com duração de 2 horas e 4 minutos. O trecho que contém os dizeres de Karla foi amplamente divulgado e alvo de críticas nas mídias sociais e entre outras celebridades³⁹, as quais repudiaram a declaração da cantora a respeito do casamento homoafetivo. O pronunciamento transcrito abaixo comparece às 1:24:37/2:04:00 do vídeo no *YouTube*.

³⁷ Tecladista da banda gospel 4 por 1.

³⁸ Igreja evangélica e grupo de louvor cristão contemporâneo ativo desde 1984. Pioneiro no canto congregacional, com sede no Brasil, EUA e Europa. Atualmente, é dirigida pelos presidentes Marco e Juçara Peixotos. A comunidade é conhecida internacionalmente, possui um programa intitulado “Rompendo em Fé”, transmitido pela emissora Redetv e Band-RJ, está no ar há mais de 15 anos. O presidente Marco Peixoto é autor de mais de vinte livros de teor cristão.

³⁹ Bruna Karla critica casamento gay e Gil do Vigor rebate: ‘preconceituosa’. UOL, 2024. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/06/16/bruna-karla-critica-casamento-gay-e-gil-do-vigor-rebate-preconceituosa.htm>>. Acesso em: 04/02/2024. Cantora gospel Bruna Karla recebe críticas por comentários homofóbicos feitos em entrevista. G1, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2022/06/16/cantora-gospel-bruna-karla-recebe-criticas-por-comentarios-homofobicos-feitos-durante-entrevista.ghtml>>. Acesso em: 04/02/2024.

KEILLER, Eliana. História de Bruna Karla. Portal Gospel, 2024. Disponível em: <<https://portalgospel.com.br/historia-de-bruna-karla/>>. Acesso em: 04/02/2024.

MK MUSIC. Bruna Karla. Disponível em: <https://www.mkmusic.com.br/cast/bruna-karla/>>. Acesso em: 04/08/2024.

Bruna Karla:

Teve um amigo que me perguntou: “Bruna, quando eu me casar, você vai no meu casamento?” E eu olhei pra ele e fui bem sincera e eu disse assim: “Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do poder de Deus, eu vou sim”. E ele falou assim: “Você sabe que não é isso que eu tô perguntando”. Eu tô falando de um amigo homossexual, que a gente, sabe, tem essa liberdade. Ele falou: “Você sabe que não é isso que eu tô falando”. Eu falei: “Pois é, o dia que eu aceitar cantar no seu casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus. Porque, não é uma questão, eu posso aceitar e respeitar a sua decisão”, falei pra ele. “Amigo, respeitar a sua decisão não é eu concordar com ela”. E ele ficou me ouvindo, eu falei assim: “Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher. Então, se eu for no teu casamento e aplaudir e dizer assim: ‘Nossa você tá certo’, eu paro de cantar, eu saio da igreja, porque eu não vou estar servindo a Deus, com meu coração completo, eu vou tá aplaudindo algo que eu tô dizendo assim: ‘É errado, mas eu vou aplaudir’”. E é o que, infelizmente, a gente, às vezes, faz inconscientemente. Ah! Eu não vou me posicionar, eu não vou falar pra não magoar. Não, perai, não é magoar. A palavra nos confronta, nem tudo que a gente vai ver na palavra vai ser pra acariciar o nosso ego. Pelo contrário, é palavra de confronto, é certo, é certo. Deus tá dizendo que sim, eu vou pelo que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu vou aonde a bíblia diz, eu vou fazer o que a bíblia diz. A todos meus queridos homossexuais que estão nos ouvindo e assistindo, respeitamos a sua decisão, mas eu não posso concordar com seu estilo de vida. Porque eu sei que a palavra do meu Deus, que é verdade, diz que essa conduta de vida não vai te levar ao céu, que essa conduta de vida não vai te fazer feliz. Pouco se fala hoje sobre o inferno, sabe. As pessoas têm tentado, pra viver um evangelho mais agradável, eu não falo do inferno. Vamos trazer para perto, vamos amar e amar também se quiser continuar vivendo assim. E quando a verdade não é essa, a verdade é: existe o caminho, a verdade e a vida que é Jesus que nos leva ao céu, ele é o único caminho que nos leva ao céu. Qualquer outro caminho, o final dele é o inferno. Então, a gente tem que parar de dizer pra pessoas que: “Não continue vivendo essa vida, continue vivendo desse modo que Deus vai te amar”. Ele ama, ele ama! Mas o final dessa vida não vai te levar pro céu, vai te levar pro inferno (...)”⁴⁰

4.2.1. O casamento e a palavra: sentidos produzidos sobre o casamento homoafetivo

Conforme a Bíblia, o casamento é frequentemente caracterizado como uma união sagrada entre um homem e uma mulher. Trechos bíblicos, por exemplo, em Gênesis 2:24, **"Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne"**, são interpretados por muitos evangélicos e líderes religiosos como a

⁴⁰ SILVA, Thiago. Bruna Karla diz que jamais cantaria num casamento gay. YouTube, 15 de jun. de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/t_RkofVMaEE?si=nNmZ72gdyEMH3EQ> . Acesso em: 22/04/2024.

definição divina e normativa do matrimônio. Nesse mesmo imaginário, o casamento é visto não apenas como uma instituição social, mas como um vínculo espiritual ordenado por Deus, para união, reprodução e expressão de amor conjugal.

Na contemporaneidade, a definição a respeito do matrimônio foi revisitada por diversos grupos sociais, como os homossexuais. O discurso sobre o casamento homoafetivo, por exemplo, originou debates intensos, tanto em esferas religiosas quanto em áreas acadêmicas, como a própria Análise do Discurso (AD).

Sob o viés da AD, nota-se que a discussão em torno do casamento homoafetivo envolve uma disputa entre diferentes formações discursivas. De um lado, existe a formação discursiva tradicional, fundamentada na leitura literal das escrituras, que sustenta uma ideologia normativa e exclusiva do casamento homoafetivo. De outro lado, há discursos que emergem de movimentos sociais, jurídicos (leis) e teológicos (igrejas inclusivas) que promovem a igualdade de direitos e a reinterpretção dos textos bíblicos à luz de contextos históricos e sociais.

O sentido produzido sobre o casamento homoafetivo, atualmente, foi construído a partir da ideia de inclusão e reconhecimento da dignidade humana. Ao serem analisadas discursivamente, expressões como “Amor é amor”, “Toda forma de amor é válida” ou “Igualdade de direitos” são formulações que se opõem à visão religiosa tradicional, questionando não só normas, mas também os lugares de poder e autoridade que significam "casamento".

A partir de outra rede de sentidos, a contraposição de muitos grupos evangélicos a esse modo de união é sustentada por discursos que articulam identidade, fé e moralidade, produzindo efeitos de sentido que reforçam o casamento heterossexual como um padrão divino, imutável e “correto”.

Esses embates revelam não apenas divergências teológicas, mas disputas por hegemonia cultural. A AD possibilita constatar como o discurso é central na constituição desses sentidos e na legitimação ou contestação de práticas sociais, como o casamento. Logo, o casamento homoafetivo se torna um espaço de luta simbólica e histórica, no qual diferentes ideologias, crenças e valores são postos em confronto no social.

4.2.2. Quando eu me casar

SD4:

Teve um amigo que me perguntou:

“Bruna, quando eu me casar, você vai no meu casamento?”

E eu olhei pra ele e fui bem sincera e eu disse assim:

“Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do Poder de Deus, eu vou sim”.

E ele falou assim:

“Você sabe que não é isso que eu tô perguntando”.

Eu tô falando de um amigo homossexual, que a gente, sabe, tem essa liberdade.

Ele falou: “Você sabe que não é isso que eu tô falando.”

Eu falei: “Pois é, o dia que eu aceitar cantar no seu **casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus**. Porque, não é uma questão, eu posso aceitar e respeitar a sua decisão”, falei **pra** ele. **“Amigo, respeitar a sua decisão não é eu concordar com ela”**. E ele ficou me ouvindo, eu falei assim: **“Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher”**.

Nesta quarta sequência discursiva, Karla descreve à apresentadora do Podcast uma conversa que teve com um amigo homossexual. Nesse diálogo relatado, o referido amigo lhe questiona se no dia do seu casamento, com outro homem, a cantora gospel compareceria no matrimônio e cantaria na cerimônia. Após essa colocação, a líder religiosa expõe os preceitos de sua religião com o intuito de responder à pergunta realizada.

A primeira resposta fornecida pela cantora gospel é: **“Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do Poder de Deus, eu vou sim”**. Em SD4, o casamento com uma pessoa do mesmo sexo, nesse contexto, dois homens, é malvisto, uma prática que a líder religiosa não compactua. O casamento homoafetivo diverge dos preceitos religiosos constitutivos da posição de sujeito evangélico, a partir da qual a líder religiosa significa. Desse modo, Karla somente compareceria no matrimônio caso o amigo homossexual se casasse com um sujeito do sexo oposto, uma mulher. Todavia, não uma mulher qualquer.

Conforme a líder religiosa, uma mulher **“cheia do poder de Deus”**. Esta expressão significa o padrão de mulher “ideal” para o casamento cis-heteronormativo, que consiste na mulher evangélica cristã, seguidora dos preceitos cristãos e subordinada à religião. Logo no início desta entrevista, é possível descrever os efeitos de sentido produzidos pelos dizeres de Karla acerca da homossexualidade e do matrimônio, bem como a oposição ao casamento homoafetivo quando convidada pelo amigo.

Posteriormente, conforme pronunciamento de Karla, o mencionado amigo indagou que o que a cantora gospel enunciou não consistia na resposta do questionamento realizado. Após essa nova pergunta, Karla justifica: **“Pois é, o dia que eu aceitar cantar no seu casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus. Porque, não é uma questão, eu posso aceitar e respeitar a sua decisão”**, falei pra ele. **“Amigo, respeitar**

a sua decisão não é eu concordar com ela””. A cantora prossegue: **“Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher”**”.

Ao analisar o trecho acima, no imaginário da líder religiosa, a homossexualidade é significada como algo extremamente profano, que somente pelo fato da referida cantora gospel ir ao casamento cantar seria motivo suficiente para renunciar a Bíblia e Jesus Cristo, tal como evidenciado em: **“Eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus”**”. Portanto, deve-se manter distância de práticas que não condizem com a sua fé, a fim de não praticar o pecado ou ir contra os preceitos do mundo cristão com o qual se identifica. Em relação a esse aspecto, a partir da posição de sujeito evangélico, ir de encontro com a palavra, bem como com os dogmas religiosos, acarretaria à condenação espiritual. Nesse mesmo imaginário, constata-se que a homossexualidade, assim como a prostituição e o adultério, citados antes, são práticas que conduzem o sujeito (infidel, desviado) ao inferno, pois transgridem os sentidos já estabelecidos como idôneos na doutrina seguida pela líder religiosa. Sob uma perspectiva religiosa cristã, diversas congregações frisam que transgredir os ensinamentos bíblicos pode resultar em uma condenação espiritual. Isto é, ter sua alma condenada ao inferno pela eternidade. Nesse cenário, a homossexualidade é vista frequentemente como “prática pecaminosa” que rompe com formações discursivas conservadoras. É necessário dizer que a "palavra" e "Deus" legitimam os sentidos produzidos a partir da posição de sujeito evangélico ao mesmo tempo que desresponsabilizam aqueles que enunciam.

A líder religiosa justifica que não concorda com a homossexualidade, uma vez que sua divindade e a sua palavra são contra a mencionada forma de vida. Neste ponto, a homossexualidade é representada na palavra como prática errônea. A cantora gospel descreve que não foi para esses propósitos que sua divindade criou o homem e a mulher. Em outras palavras, no imaginário de Karla, Deus não criou o homem e a mulher para serem homossexuais ou se unirem com sujeitos do mesmo sexo. A respeito desse ponto, a líder religiosa reproduz uma compreensão cis-heteronormativa acerca do casamento e das sexualidades. Somente estas estão consoantes suas crenças.

4.2.3. Eu paro de cantar, eu saio da igreja

No âmbito religioso, a manutenção de práticas envolvendo a fé e a participação ativa (pregar, cantar, possuir uma posição de prestígio etc.) na comunidade de uma igreja são

frequentemente relacionadas à obediência, às normas estabelecidas e à aderência à interpretação da palavra de Deus. Estas normas, ditadas por doutrinas, regras de convivência e valores cristãos, atuam como reguladoras do discurso religioso e das práticas dos evangélicos.

A AD permite analisar como os sentidos constitutivos das normas são reproduzidos, legitimados e tensionados no interior das práticas religiosas. Um exemplo do processo descrito é a entrevista concedida pela cantora gospel Bruna Karla, doravante Karla, em que a própria afirmou que, caso aceitasse cantar no casamento homoafetivo de seu amigo, poderia parar de cantar para a sua divindade e sair da igreja. Neste pronunciamento, são notórios diversos elementos discursivos que revelam a relação entre pertencimento religioso e conformidade a princípios doutrinários.

A partir da perspectiva discursiva, o pronunciamento de Karla pode ser analisado como parte de uma formação discursiva religiosa cristã que entende o casamento como uma instituição heteronormativa e, ao mesmo tempo, condiciona a permanência e o reconhecimento do fiel à sua obediência a esse imaginário. Ao mencionar que cantar em um casamento homoafetivo poderia resultar em sua saída da igreja, a cantora explicita o efeito disciplinador das normas religiosas, que não se restringem apenas à dimensão privada, mas também se estendem à prática pública.

Na AD, o que está em jogo não é apenas a ideologia constitutiva do discurso, mas também as suas condições de produção. No contexto evangélico em que Karla é inserida, há uma formação discursiva que articula a identidade religiosa à rejeição de práticas e posicionamentos considerados contrários à Bíblia. Tal rede de sentidos configura uma fronteira simbólica entre o "dentro" e o "fora" da comunidade de fé, na qual a adesão às normas é o critério de pertencimento. Logo, o "sair da igreja", conforme mencionado, assume um sentido de ruptura com uma ordem discursiva específica, na qual se cruzam autoridade religiosa, valores doutrinários e identidade coletiva.

O pronunciamento realizado por Karla explicita como o discurso religioso funciona como um mecanismo de controle, ao mesmo tempo, em que delimita as possibilidades de atuação dos sujeitos evangélicos dentro do espaço comunitário. Ao sugerir que a não obediência às normas poderia resultar em exclusão, esse funcionamento mobiliza uma lógica de vigilância e sanção, típica de instituições às quais o poder é exercido por meio da palavra e do controle.

A análise discursiva desse exemplo abaixo explicita não apenas as tensões entre um suposto livre arbítrio e a submissão a normas religiosas, mas também como o pertencimento a determinadas instituições religiosas é mediado pela aceitação de padrões normativos

específicos vigentes dentro de determinadas congregações. Em contextos como o apresentado, a continuidade na igreja depende de uma conformidade discursiva que reforça valores doutrinários, marcando os limites de aceitação e exclusão dentro da comunidade evangélica.

SD5:

“Então, se eu for no teu casamento e aplaudir e dizer assim: **‘Nossa você tá certo’**. **Eu paro de cantar, eu saio da igreja. Porque, eu não vou estar servindo a Deus, com meu coração completo**, eu vou tá aplaudindo algo que eu tô dizendo assim: **‘É errado, mas eu vou aplaudir’**”. E é o que, infelizmente, **a gente, às vezes, faz inconscientemente. Ah! Eu não vou me posicionar, eu não vou falar pra não magoar. Não perai, não é magoar.**

Como mencionado na análise anterior, Karla, em seu imaginário, evidencia que apenas servirá a sua divindade, de modo verdadeiro, caso aja de acordo com seus mandamentos e conforme a referida “palavra” citada, inúmeras vezes, durante a entrevista com a líder religiosa.

A partir da posição de sujeito evangélico, somente não compactuando com a homossexualidade, recusando o convite de matrimônio, será possível adorar a Deus completamente, tal como podemos observar em: **“Então, se eu for no teu casamento e aplaudir e dizer assim, ‘nossa, você tá certo’, eu paro de cantar, eu saio da igreja. Porque, eu não vou estar servindo a Deus, com meu coração completo”**. Ir ao casamento do amigo homossexual faria da cantora uma desviada da fé, uma pecadora, não digna de sua divindade, motivo suficiente para a cantora gospel parar de frequentar a igreja e cantar seus louvores cristãos. Para Karla, compactuar com a homossexualidade é uma justificativa para abandonar sua fé, seu templo de adoração.

No discurso religioso cristão, a homossexualidade é significada como uma sexualidade profana e desviante. Enunciar um desejo inscrito em sexualidades divergentes do padrão cis-heteronormativo condenaria o sujeito a desviado da fé, portanto, afastado de Deus e suas bênçãos, tal como se pode observar na citação abaixo.

A heteronormatividade é, dessa forma, um sentido hegemônico partilhado pela formação social em que estamos inseridos. O heterossexismo compulsório, por sua vez, seria a determinação – sempre ideológica – de que a heterossexualidade é o (único) caminho a ser seguido. Isso, por contraposição, significa que tudo o que não se inscreve nos domínios da heterossexualidade já comparece como desvio. (FATIMA, 2018, p.18)

Como destacado acima na citação de Fatima, a heteronormatividade, isto é, a construção histórica e social que defende a heterossexualidade como a sexualidade padrão a respeito dos gêneros, consiste em uma sexualidade dominante na sociedade na qual se vive. Por sua vez, o heterossexismo compulsório é uma posição ideológica que considera somente uma sexualidade correta, neste caso, a heteronormatividade. Assumir outras sexualidades desviantes desta concepção estabelecida como idônea pelo imaginário reproduzido a partir da posição de sujeito evangélico significa um desvio do padrão hegemônico. Em outras palavras, um desviado da fé.

Ainda em SD5, a homossexualidade, novamente, é representada como uma sexualidade desviante da estabelecida como ideal, como se pode observar em: **“É errado, mas eu vou aplaudir”**. Julgamentos como “errado”, “decisão”, “escolha ou opção” significam a homossexualidade no discurso religioso cristão.

4.2.4. Palavra de confronto

O uso da palavra de Deus, e do seu próprio nome, como forma de legitimação das ações no social, é uma prática recorrente entre os sujeitos evangélicos. Por intermédio da AD, essa dinâmica pode ser analisada como uma estratégia de construção de autoridade e como uma forma de inserir as práticas particulares em um contexto sagrado, atribuindo a elas um caráter de missão divina. Em sociedade, a atuação de muitos evangélicos é geralmente embasada em discursos que se legitimam a partir da Bíblia. Dito de outro modo, “A palavra”. Quando um líder religioso evangélico ou um fiel de uma igreja evangélica age a favor de uma causa social (seja esta vinculada à assistência, caridade ou moralidade pública), é comum que a ação seja explicada com expressões como “Deus me chamou para isso” ou “Estou cumprindo o propósito de Deus”. Estas justificativas não são apenas declarações de fé, mas funcionam como formulações que conferem autoridade e legitimidade às ações.

Nesse referido cenário, o sujeito evangélico se apresenta como alguém investido de uma autoridade superior na sua fala e suas ações não são vistas apenas como resultado de uma decisão pessoal, mas como cumprimento da vontade de Deus. Conseqüentemente, isso produz um efeito discursivo de poder, uma vez que o sujeito se coloca como um representante ou um canal de comunicação entre Deus, seus fiéis e a sociedade. Essa posição de mediador confere ao sujeito evangélico uma autoridade que ultrapassa a esfera pessoal, elevando suas ações ao nível do sagrado.

Além de evocar a palavra de sua divindade, diversos evangélicos fazem uso do próprio nome de sua santidade com intuito de consolidar a legitimidade de suas ações. Em formulações como "Eu, em nome de Deus, faço isso" ou "Deus me usa para realizar essa obra", há uma mistura entre o nome pessoal e a autoridade divina. Tal prática fortalece o imaginário da identidade do sujeito evangélico como alguém ungido ou escolhido, o que não só valida suas ações, mas também confere a elas autoridade.

A formulação que articula a palavra de Deus com o nome pessoal também produz efeitos ideológicos importantes. Ela naturaliza a ideia de que determinadas ações e posicionamentos são legítimos simplesmente porque são “de Deus” ou porque o sujeito que os executa é “escolhido”. Isso promove um campo de atuação em que as decisões e práticas desses sujeitos não são questionadas com base em argumentos racionais ou sociais, mas aceitas devido à sua suposta origem divina. Em um contexto social, isso pode gerar uma espécie de poder que silencia outras vozes e exclui alternativas de ação que não estejam identificadas a essa ideologia.

A utilização da palavra de Deus como justificativa também explicita uma disputa por dominância no social. Ao enunciar que as suas ações são orientadas por leis divinas, esses sujeitos estabelecem uma hierarquia moral na qual as suas práticas são enxergadas como superiores e corretas em relação a outras. Esse funcionamento discursivo, contribui para a validação de determinadas formas de controle e influência sobre a sociedade, desde a organização de projetos sociais até a intervenção em debates públicos, como aqueles que discutem a respeito da moralidade, da família e da educação. Em relação a esse ponto, abordaremos de maneira aprofundada na análise da entrevista concedida pelo líder religioso Silas Malafaia.

A análise discursiva de pronunciamentos de evangélicos que reproduzem a palavra de Deus e seu próprio nome para justificar suas ações no social aponta para como há o funcionamento de estratégias de poder e legitimação. Ao vincular suas ações a uma missão divina e a uma identidade religiosa específica, esses sujeitos constroem uma autoridade simbólica que valida suas práticas e amplia sua influência no contexto social. Em última instância, essa prática explicita a complexa interseção entre religião, poder e ação social, na qual o discurso religioso se torna um instrumento central na produção de identificações e na configuração de práticas coletivas.

A palavra nos confronta, nem tudo que a gente vai ver na palavra vai ser para acariciar o nosso ego. **Pelo contrário, é palavra de confronto, é certo, é certo. Deus tá dizendo que sim, eu vou pelo que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu vou aonde a bíblia diz, eu vou fazer o que a bíblia diz.** A todos meus queridos homossexuais que estão nos ouvindo e assistindo, **respeitamos a sua decisão, mas eu não posso concordar com seu estilo de vida. Porque, eu sei que a palavra do meu Deus, que é verdade, diz que essa conduta de vida não vai te levar ao céu, que essa conduta de vida não vai te fazer feliz. Pouco se fala hoje sobre o inferno, sabe...** As pessoas têm tentado, pra viver um evangelho mais agradável, eu não falo do inferno. Vamos trazer para perto, vamos amar e amar também se quiser continuar vivendo assim. E quando a verdade não é essa, **a verdade é: existe o caminho, a verdade e a vida que é Jesus que nos leva ao céu, ele é o único caminho que nos leva ao céu. Qualquer outro caminho, o final dele é o inferno.** Então a gente tem que parar de dizer pra pessoas que: “Não continue vivendo essa vida, continue vivendo desse modo que Deus vai te amar”. Ele ama, ele ama, mas o final dessa vida não vai (...)

Nesta sexta sequência discursiva, Karla frisa que “a palavra”, já mencionada outras vezes, confronta os sujeitos adeptos aos seus dogmas. Existem mandamentos, os quais não podem ser transgredidos, e sim deverão ser obedecidos à risca, como se pode observar no seguinte trecho: **“A palavra nos confronta, nem tudo que a gente vai ver na palavra, vai ser para acariciar o nosso ego. Pelo contrário, é palavra de confronto, é certo, é certo”.**

O termo “Palavra” comparece como um funcionamento constitutivo da posição de sujeito evangélico. A equivocidade manifestada nesta formulação possibilita diversos sentidos. Não se sabe qual é seu referente, pode ser a palavra da própria cantora gospel, a palavra do pastor da igreja a qual frequenta, a palavra hegemônica do ambiente cristão evangélico no qual é inserida, a palavra da Bíblia ou a palavra de Deus.

A posição de sujeito evangélico é configurada pelo imaginário de subserviência em relação a sua divindade e à “palavra”. Nesse imaginário, as práticas no social estarão atreladas aos mandamentos de sua divindade e ao que a referida palavra prega. Conforme a líder religiosa, as suas atitudes obedecerão à Lei divina e suas interpretações. Ao enunciar que seu Deus e a palavra condenam a homossexualidade, produzindo sentidos de subserviência e obediência, a cantora gospel também condena a homossexualidade.

Esta sequência discursiva analisada é inserida em uma formação discursiva religiosa cristã, na qual os supostos valores bíblicos são tomados como verdade, sendo inquestionáveis. As condições de produção das formulações analisadas são marcadas por práticas conservadoras da fé, na qual há um imaginário de interpretação literal da Bíblia. A posição de sujeito evangélico é configurada pelo conflito com práticas em contradição à norma estabelecida, como o “estilo” de vida do homossexual. O sujeito enunciador está inserido

dentro dessa formação discursiva de maneira bastante explícita, ao repetir diversas vezes que segue o que a Bíblia diz: **"eu sou o que a bíblia diz"**. Essa reiteração tem um efeito de legitimação, reforçando uma formação discursiva fundamentada em uma autoridade divina.

Mais uma vez, a homossexualidade é significada como uma escolha quando a líder religiosa enuncia **"respeitamos a sua decisão"**. É formulado que a cantora gospel respeita a decisão dos homossexuais, porém não concorda com ela, como comparece em: **"Mas eu não posso concordar com seu estilo de vida"**. A não concordância é justificada com base na palavra de sua divindade. No imaginário de Karla, ser homossexual na terra impedirá o sujeito de adentrar no mundo celestial. A respeito desse ponto, observa-se uma crença de vida após a morte, a qual aqueles que obedeceram aos mandamentos divinos em vida, após a morte e volta de Jesus Cristo, terão seus nomes escritos no Livro da Vida. Fator que possibilitará a entrada no céu. Entretanto, no discurso religioso cristão, aquele que não tiver o nome escrito no Livro da Vida, terá como destino o vale dos pecadores, o inferno. Karla, ao enunciar que a homossexualidade não levará o homossexual ao céu, aponta que este terá como destino o inferno, basta ser homossexual para ser condenado ao mencionado local.

Há uma indagação, em SD6, sobre muitas pessoas não falarem sobre o inferno: **"Pouco se fala hoje sobre o inferno, sabe."** No imaginário reproduzido por Karla, falar sobre o inferno levaria as pessoas a refletirem sobre suas condutas de vida por medo de serem condenadas ao mencionado local, tornando-se então assujeitadas aos sentidos constitutivos da posição de sujeito evangélico. Logo, pode-se observar uma doutrina do medo. Esta é uma ferramenta de persuasão eficaz. Nota-se que, para a líder religiosa, o sujeito obedece à palavra ou é condenado ao inferno. Conforme Karnal, na obra "O inferno somos nós, do ódio à cultura de paz", (2018, p. 14): "O medo é fundamental e está na base de quase todos os grandes preconceitos e ódios que cultivamos. Alguém com medo é alguém que aceita a autoridade". Parafraseando este pensador, um sujeito com medo é um sujeito obediente. Esta obediência comparece nos dizeres enunciados por Karla quando explicita que se deve falar sobre o inferno a fim de controlar os sujeitos por intermédio do medo de serem condenados.

A partir da posição de sujeito evangélico, há somente um único caminho que levará as pessoas ao céu, apontando novamente para determinados sentidos de vida após a morte. O referido caminho consiste em determinada compreensão de Jesus Cristo, sendo seus desviantes condenados ao inferno, como comparece em: **"Existe o caminho, a verdade e a vida que é Jesus que nos leva ao céu, ele é o único caminho que nos leva ao céu. Qualquer outro caminho, o final dele é o inferno"**. Em relação a esse ponto, verifica-se que "o caminho" e "Jesus Cristo" consistem em evidências produzidas pela formação discursiva religiosa cristã,

na qual o sujeito religioso tem como referência a divindade e suas promessas, sem as caracterizá-las, com explicações sumárias acerca do que consiste o mencionado caminho.

Existe uma relação de poder estabelecida na forma como o “outro” (no caso, a pessoa homoafetiva) é interpelado. Inscrita na posição de sujeito evangélico, Karla afirma respeitar os homossexuais, mas se posiciona de maneira superior ao descrever o estilo de vida deles como contrário à verdade divina. Esse respeito declarado é desfeito pela desqualificação do “outro” como alguém que não está no caminho da salvação, reforçando um processo de exclusão simbólica. A oposição entre “nós”, os que seguem a palavra de Deus, e “eles”, os que vivem em desobediência, é clara e reiterada ao longo do pronunciamento.

O imaginário de "confronto" sugere que a Palavra de Deus não deve ser adaptada para acomodar práticas que a formação discursiva religiosa significa como errôneas. Dessa forma, o discurso produz um sentido em que amar o próximo é também dizer a ele que seu estilo de vida levará a uma suposta condenação.

O termo “caminho”, muito opaco, pode ser parafraseado como “viver com base nos ensinamentos de Jesus Cristo”, “viver à luz da fé cristã”, “viver com obediência e subserviência à palavra”, “não viver em pecado”, “abdicar dos objetos mundanos e prazeres carnis por um objetivo maior, a salvação da alma”. A partir da posição de sujeito evangélico, aquele que vive de maneira divergente dos padrões descritos anteriormente, não alcançará a salvação, será condenado ao sofrimento eterno. Diante do exposto, o homossexual é um dos sujeitos que não conseguirá a salvação da alma, pois, como enunciado pela líder religiosa, a homossexualidade é uma sexualidade desviante e uma prática voluntária.

O discurso religioso constitutivo do material analisado produz efeitos que reforçam a hegemonia de uma moralidade cristã tradicional, condicionando a salvação e a felicidade ao alinhamento com determinados padrões de comportamento. A insistência em um caminho único (Jesus como "o único caminho") e a ameaça de inferno para os que desviam desse caminho funcionam como mecanismos de controle simbólico, marcando os limites do aceitável dentro dessa formação discursiva. Outro ponto relevante é o silêncio sobre a possibilidade de outras leituras e interpretações da Bíblia que possam incluir os homoafetivos. O discurso se estrutura aparentemente de maneira fechada, sem dar margem para contestação ou pluralidade de sentidos. Esse funcionamento fortalece a visão única da verdade religiosa e silencia qualquer perspectiva que se afaste dessa interpretação.

Esta análise discursiva aponta para como o discurso religioso constrói e consolida uma visão moral e religiosa que se opõe às práticas homoafetivas. Ao repetir os enunciados de certeza, desqualificar o “outro” e silenciar vozes divergentes, o material analisado se ancora

em uma formação discursiva conservadora que se articula em torno da obediência inquestionável à interpretação literal da Bíblia. Nesse cenário, o sujeito enunciador se posiciona como guardião da “verdade” e agente de manutenção dessa ordem discursiva, impondo normas e limites aos que estão dentro e fora dessa comunidade cristã.

4.3. Silas Malafaia

Silas Lima Malafaia, mais conhecido como pastor Silas Malafaia, é um líder religioso neopentecostal, graduado em psicologia e teologia, conferencista, evangelista, empresário e escritor brasileiro. Atualmente, é pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, a qual foi fundada pelo referido líder religioso em 1982. Malafaia é também apresentador televangelista, líder e mentor de outros pastores no Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMED). É coordenador e apresentador do programa “Vitória em Cristo”, transmitido em rede nacional, outros países e continentes como África e Europa.

O mencionado programa está no ar há mais de vinte e nove anos ininterruptos e, por intermédio dele, Malafaia desenvolve, juntamente com outros líderes religiosos, pregações, eventos e conferências para evangélicos e adeptos aos dogmas de sua vertente, a teologia da prosperidade.

Em sua página oficial⁴¹, Malafaia declara que desde adolescente prega o evangelho de Jesus Cristo, influenciado pela figura paterna, pastor Gilberto Malafaia. Autointitula-se como defensor dos valores cristãos, da família tradicional, da vida e dos princípios estabelecidos pela palavra de Deus.

Em relação à vida pública de Malafaia, o líder religioso, em vídeos publicados em suas mídias sociais, autodeclara-se apoiador do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Foi alvo de polêmicas por conceder declarações, consideradas discurso de ódio, envolvendo a comunidade LGBTQIAP+, questões de sexualidade, casamento homoafetivo, educação e a temática do aborto. Foi investigado pela Polícia Federal (PF) na operação “Timóteo”⁴² acerca de corrupção e lavagem de dinheiro. Malafaia é alvo de demasiadas críticas devido às posições radicais adotadas a respeito da homossexualidade, por exemplo.

⁴¹ MALAFAIA, Silas. SM. Página Oficial, 2024. Disponível em: <https://www.silasmalafaia.com/>. Acesso em: 03 maio 2024.

⁴² LUIZ, SALOMÃO, PALMA, Gabriel, Lucas, Gabriel. PF indícia pastor Silas Malafaia por lavagem de dinheiro na Operação Timóteo. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/pf-indicia-pastor-silas-malafaia-em-inquerito-da-operacao-timoteo.g.html>>. Acesso em: 03 maio 2024.

Em relação às suas redes sociais, o pastor acumula milhares de seguidores. A título de detalhamento, no Instagram o líder religioso possui mais de 4 milhões. Em sua página oficial no Facebook detém mais de 3 milhões, em seu canal no YouTube conta com mais de 1 milhão de inscritos e mais de 226.240.261 visualizações.

O pronunciamento do líder religioso ocorreu em uma entrevista concedida à apresentadora e jornalista Marília Gabriela, em fevereiro de dois mil e treze, no programa intitulado “De Frente com Gabi”, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão, (SBT).

As entrevistas deste programa são conhecidas pela dinâmica que a mencionada apresentadora realiza, que consiste em ficar face a face com o entrevistado, questionando aspectos da vida pessoal e profissional, como também em realizar perguntas acerca de diversos temas, por exemplo, religião e política. Outras personalidades, como Elke Maravilha, Dercy Gonçalves, Fernanda Montenegro, Ana Maria Braga, Paulo Coelho, Hebe Camargo, concederam entrevistas à referida apresentadora.

A participação de Malafaia, no mencionado programa, possui duração de quarenta e cinco minutos e dezessete segundos, a entrevista foi dividida em três blocos. No primeiro momento, o líder religioso é questionado pela apresentadora a respeito de uma informação divulgada pela revista FORBES, especialista na divulgação dos valores de fortunas de famosos e milionários, que o classificou como o terceiro pastor mais rico do Brasil, com uma riqueza avaliada em cento e cinquenta milhões de dólares. O líder religioso recusou veemente esta informação, classificando-a como errônea. Anos mais tarde, em 2019, a mencionada revista publica uma nota de retratação acerca da informação divulgada de modo incorreto, na qual destina escusas ao pastor Malafaia. Temas como teologia da prosperidade, dízimo e oferta, drogas, bebidas lícitas e bens materiais são abordados neste primeiro bloco.

Em relação ao segundo bloco, a homossexualidade é um tema de debate entre Malafaia e a apresentadora, em alguns momentos se pode constatar o nervosismo da âncora do programa devido às declarações concedida pelo pastor. O líder religioso condena a homossexualidade legitimando-se em supostos estudos desenvolvidos na Genética e na Psicologia, apontando para como a homossexualidade é um comportamento. A partir do imaginário reproduzido por Malafaia, os sujeitos homossexuais podem ser reorientados, pois adquiriram a homossexualidade. Novamente, assim como nas entrevistas analisadas anteriormente, como nesta, a homossexualidade é significada como uma prática voluntária, adotada pelo sujeito homossexual. Nas análises anteriores, foi constatado esse imaginário de “escolha” fortemente evidenciado pelos vocábulos “**opção**” e “**prática**”. Ou seja, o

homossexual é homossexual porque “escolheu” conviver do referido modo. Todavia, uma forma “errada” e “pecaminosa”.

O imaginário de “escolha” legitima que a homossexualidade seja significada como um comportamento que pode ser modificado pela reorientação sexual. Em relação a esse ponto, quando se trata de reorientação, a mencionada sexualidade é constantemente relegada a uma doença passível de cura. Ou seja, a eliminação de um suposto mal. Nos últimos anos, deputados de partidos conservadores da extrema-direita elaboraram e tentaram submeter projetos que evidenciavam uma possível “solução” para os gays, lésbicas, transexuais e outros membros da comunidade LGBTQIAP+. A título de exemplo, pode-se mencionar o projeto de cura gay, também conhecido como terapia da reorientação sexual, terapia de conversão ou terapia reparativa, à época protocolado pelo deputado federal João Campos, do PSDB de Goiás, na Câmara dos Deputados, em 2011, a fim de suspender uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que proibia o tratamento da homossexualidade. Após dois anos, o mencionado projeto foi aprovado, precisamente em 18 de junho de 2013. Após quinze dias do deferimento do mencionado projeto, o deputado João Campos levou à Câmara um requerimento que solicitava o cancelamento da tramitação da referida proposta. Esse fato se deu devido a diversas manifestações e polêmicas de repercussão nacional contra a proposta apresentada pelo deputado.

As três entrevistas analisadas, até o momento, apontam para um funcionamento discursivo comum, configurado pela posição de sujeito evangélico, que significa a homossexualidade como escolha, comportamento e pecado.

A reorientação sexual é um dos pontos abordados e defendidos por Malafaia. O líder religioso declara que muitos homossexuais possuem a homossexualidade como comportamento porque sofreram abuso sexual durante a infância por parte de familiares ou pessoas próximas do convívio da criança, por isso, tornaram-se homossexuais. Outrossim, os direitos conquistados pelos integrantes da comunidade LGBTQIAP+ são postos em discussão. Conforme Malafaia, os homossexuais possuem mais direitos que outras parcelas da sociedade e suas lutas visam somente a conquistar leis a seu favor para xingarem, atacarem e se sentirem protegidos acima de todos.

A homossexualidade, no imaginário de Malafaia, assim como visto em Karla, é considerada um pecado profano que conduzirá o sujeito homossexual ao inferno. Essa regularidade é constitutiva da posição de sujeito evangélico, que, por vezes, ancora-se na citação de trechos da Bíblia para sustentar o suposto pecado.

Ainda em relação à homossexualidade, quando questionado pela apresentadora a respeito da adoção de uma criança abandonada por um casal heteronormativo e adotada por um casal homoafetivo, Malafaia enuncia que não acredita que dois homens ou duas mulheres possam educar de forma plena uma criança. O pastor aponta que as crianças adotadas por casais formados por pares iguais não serão felizes e este fator acarretará consequências gravíssimas no futuro. Em relação a esse trecho, há novamente mais uma regularidade, presente também na análise anterior, acerca da composição familiar.

Na análise que antecede esta, foi visto o padrão “ideal” da família, segundo o imaginário cristão, a família cis-heteronormativa formada por heterossexuais. Em Malafaia, a mesma composição familiar é descrita como “ideal”. Este funcionamento possibilita circunscrever que a posição de sujeito evangélico é legitimada por sentidos estáveis conservadores reproduzidos na mesma rede parafrástica filiada ao discurso religioso cristão.

Por fim, no final do encerramento do segundo bloco, Malafaia compara os homossexuais a bandidos e assassinos para dizer que ama todas as pessoas, todavia, condena as práticas pecaminosas perpetuadas.

O pronunciamento abaixo foi enunciado aos 18:35/45:06.⁴³ Atualmente, a gravação da entrevista possui 7.587.551 visualizações, mais de 52 mil curtidas e 108.286 comentários na plataforma de vídeos YouTube, no canal intitulado “Legor Digital”.

Silas Malafaia: Deixa eu falar sobre essa questão de homossexualismo.

Apresentadora: “Dade”, homossexualidade.

Silas Malafaia: Isso, homossexualidade. Deixa eu te falar uma coisa! Primeiro: ninguém nasce gay, homossexualismo é um comportamento.

Apresentadora: Isso é contestável!

Silas Malafaia: É contestável, então vamos lá. Eu mando vir na genética. Quem é que pode dizer que alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia, é a genética. A ciência que pode dizer. É igual o aborto, quem é que pode dizer onde começa a vida, a biologia. (...)

Silas Malafaia: Ninguém nasce gay, não existe ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea. Então, eu vou fazer uma definição de homossexualismo.

Apresentadora: homossexualidade!

Silas Malafaia: Não! O homossexualismo, a prática! Eu posso falar o homossexualismo ou a homossexualidade.

Apresentadora: Não, é que homossexualismo caracteriza doença.

Silas Malafaia: Não, não vejo como doença, eu não vejo, vejo como um comportamento. Nada de doença! Então, a homossexualidade, um homem ou uma mulher por determinação genética e homossexual por preferência aprendida ou imposta. Agora, vamos para a pesquisa: 46% dos homossexuais foram violados e violentados quando crianças ou adolescentes. Como é que

⁴³ DIGITAL, Legor. Silas Malafaia De Frente Com Gabi - Completo - 03/02/2013. YouTube,04/02/2013. Disponível em: < <https://youtu.be/Myb0yUHdi14?si=4q2yJ7nzVXgGwDPx> >. Acesso em: 04/05/2024.

alguém nasce? 46%. 54 % escolheram ser. Então, primeiro, homossexualismo é comportamento. Então, vamos para a genética, gêmeos iguais, o mesmo embrião que se divide é chamado geneticamente iguais, homozigóticos, são gêmeos iguais. Então, o que tinha que acontecer: se um gêmeo é hétero, o outro tinha que ser hétero. Se um gêmeo é homossexual, o outro também tinha que ser. Então, vamos lá! 35% dos gêmeos que são homossexuais, o outro, 65% são héteros. Então, como é que são iguais, como que nascem? (...)

Silas Malafaia: 46% passaram a ser homossexuais e eles não falam. A partir do dia que foram violados, violentados.

Apresentadora: no geral, violentados por quem?

Silas Malafaia: por parentes, violentados por vizinhos (...) Ninguém nasce homossexual, foi minha resposta aqui para você. (...)

Apresentadora: Eu quero saber de você, qual é a tua questão com a homossexualidade?

Silas Malafaia: Eu vou dizer para você qual é a minha questão: a minha questão aqui no Brasil: é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade.

Apresentadora: Quais são esses direitos? Serem respeitados, não serem mortos e agredidos (...)

Silas Malafaia: eles querem uma Lei para atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos, acima de todos, uma vírgula para eles. (...)

Apresentadora: Venha cá, venha cá, os seus fiéis, imagino, entre eles, deve haver homossexuais.

Silas Malafaia: que foram ou estão buscando sair.

Apresentadora: mas, existem.

Silas Malafaia: que estão buscando sair.

Apresentadora: entre os pastores também.

Silas Malafaia: se tiver pastor homossexual, na Bíblia, Deus fala: adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passível de ser excluído daquela congregação. Se um pastor tiver um caso com uma mulher, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor tiver um caso de homossexualismo, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor for solteiro e tiver uma relação sexual com qualquer uma, vai perder o cargo. Então, a Bíblia trata do mesmo nível.

Apresentadora: você como psicólogo chegou a conclusão de que um homossexual deve e pode realmente ser reorientado?

Silas Malafaia: ouça alguém que foi reorientado. (...)

Silas Malafaia: A Bíblia define o que é pecado, então eu não estou aqui para acusar a, b ou c, mas estou aqui para condenar o pecado. Então, na minha visão, ok?, da minha crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na bíblia, a homossexualidade, o adultério, a prostituição, são pecados gravíssimos à luz da bíblia. (...)

Silas Malafaia: Toda história da civilização humana, toda história! O que eu estou te falando é antropológico, sociológico e teológico. Toda história da civilização humana está sustentada: um homem, uma mulher e sua prole. (...)

Silas Malafaia: Sabe Freud? Que tanto falam, Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela é homossexual pela relação dela com o pai. (...) Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual. Então, vai dizer que não pode ser reorientado?

Apresentadora: eu vou propor um problema a você que é contra inclusive o aborto, a legalização do aborto, supondo que nasça uma criança e a mãe dessa criança não vai poder criá-la, um casal homossexual se dispõe criar essa criatura, se não vai ficar jogada, à disposição do que seja, numa instituição que vai tratá-la mal. Você ainda assim acha que um casal homossexual não possa ter essa criança e fazer dela um belo cidadão, uma

bela cidadã e criar um ser humano digno, com todos os seus direitos, com toda sua inteligência, com todo seu amor e compaixão pelo outro.

Silas Malafaia: eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, não acredito. Porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam. (...)

Silas Malafaia: eu não acredito que dois homens ou duas mulheres tenham capacidade para desenvolver um ser humano, não acredito. (...)

Malafaia: Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas.

Apresentadora solicita que o pastor repita a fala.

Malafaia: Não, isso eles sabem. Eles sabem, eles não são bobinhos não. Eles sabem.

Apresentadora: Então, diga!

Malafaia: Eu amo os homossexuais, como amo os bandidos, amo assassinos, vamos embora, eu aumento o leque, porque eu amo. Porque o ser humano, oh, Gaby, o ser humano é a coisa mais importante.

Apresentadora: Você tá colocando homossexuais ao lado de bandidos e assassinos, porra!

Malafaia: Não! Não! Não tô colocando não! Eu amo todas as pessoas. Não mas pra dizer, olha: eu não gosto de uma prática, então eu tô dizendo pra você.

A entrevista apresentada acima, enunciada por Malafaia, inscreve-se em uma rede de sentidos que articula princípios religiosos e conservadores. Malafaia reafirma uma visão tradicionalista da moral cristã que legitima determinados sentidos sobre a homossexualidade, tratando este tema como uma questão de comportamento desviante e não uma sexualidade natural inerente aos seres humanos. O referido líder religioso referencia constantemente a Bíblia e conceitos teológicos como base do que enuncia, ancorando-se em uma posição ideológica que naturaliza a heterossexualidade.

Em alguns momentos, a entrevistadora contesta termos usados por Malafaia, como "homossexualismo", sugerindo "homossexualidade" devido à conotação de doença que o primeiro termo detém. Esse embate revela a disputa de sentidos em torno das palavras e a luta por hegemonia discursiva. A resistência da apresentadora ao termo enunciado por Malafaia ilustra o conflito entre discursos contemporâneos que buscam legitimar a diversidade sexual e aqueles que a patologizam, isto é, veem como doença.

No pronunciamento de Malafaia, há a atribuição de autoridade discursiva à ciência (genética e biologia) a fim de embasar as afirmações realizadas, mas isso é executado de maneira seletiva e ideologicamente orientada. O referido líder religioso utiliza dados que supostamente comprovam suas alegações, como as estatísticas sobre abuso infantil entre homossexuais, para reforçar a tese de que a homossexualidade seria uma "escolha" ou um comportamento. Ao citar Freud, o líder religioso busca dar uma aura de legitimidade científica a suas crenças, ainda que de forma distorcida e descontextualizada.

Ao enunciar sobre os direitos reivindicados pela comunidade LGBTQIAP+, Malafaia posiciona esses direitos como uma ameaça à “coletividade”, reforçando sentidos de exclusão e marginalização de membros do referido grupo. O pastor apresenta tais direitos como “privilégios” indevidos e “perigosos” que colocariam os homossexuais acima de outros grupos, como heterossexuais, sugerindo que a busca por respeito e proteção contra violência seria uma forma de opressão contra quem se opõe aos homossexuais.

Cabe destacar também que este funcionamento se apoia na normatização social e no controle dos corpos e comportamentos. Quando o líder religioso menciona que pastores devem ser excluídos caso pratiquem adultério ou “homossexualismo”, ele não só reforça a ideia de que a homossexualidade é um comportamento passível de correção, mas também define normas rígidas sobre como os sujeitos fiéis devem agir dentro de sua comunidade religiosa e fora dela. Em relação a esse ponto, constatamos em Karla tal obediência às normas impostas pela comunidade evangélica e as consequências da não obediência para o fiel.

Em Malafaia, também comparece a formulação "eu amo os homossexuais", porém há a realização de uma distinção clara entre amar a pessoa e aceitar suas práticas. A partir do mecanismo da antecipação, há a busca por mitigar o impacto de sentidos de exclusão, apresentando-os como fundamentados no amor cristão, ao mesmo tempo, em que desqualifica a legitimidade das identidades LGBTQIAP+. Este funcionamento é uma regularidade inerente à posição de sujeito evangélico.

Outrossim, o líder religioso fundamenta sua posição na ideia de que a estrutura familiar correta e natural é aquela composta por um homem e uma mulher. Formula-se: **"Eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam"**. O fio do dizer é ancorado a uma visão essencialista e normativa da complementaridade dos gêneros, na qual os papéis masculino e feminino são vistos como insubstituíveis e necessários para o desenvolvimento saudável de uma criança. Portanto, qualquer modelo familiar fora desse padrão estabelecido é considerado errado.

Malafaia expressa que não acredita que casais homoafetivos, dois homens ou duas mulheres, possam criar uma criança de forma adequada: **"Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer."** O uso do vocábulo "perfeita" e a referência ao "sentido total" sugerem uma visão reducionista em que, a partir da posição de sujeito evangélico, ele associa qualidade parental à configuração tradicional de gênero.

Ao decorrer da entrevista, Malafaia reafirma determinados sentidos que legitimariam a posição de sujeito evangélico. A crença é apresentada como uma verdade universal, pautada

pela moral cristã, na qual a sua divindade, Deus, estabelece o modelo de família "correto". Esse funcionamento é significado como incontestável e como o alicerce para as objeções à adoção por casais homoafetivos. A referência à Bíblia, como regularidade no discurso religioso, naturaliza e reforça a rejeição do modelo de família homoafetiva, desconsiderando a pluralidade na formação familiar.

Quando esse líder religioso afirma que não acredita que **"dois homens ou duas mulheres tenham capacidade para desenvolver um ser humano"**, Malafaia deslegitima a capacidade de casais homoafetivos de oferecer um ambiente familiar saudável. Essa formulação reproduz um efeito de sentido que associa o desenvolvimento infantil adequado exclusivamente à presença de figuras paterna e materna em um contexto heterossexual, reforçando estereótipos e preconceitos contra famílias homoafetivas.

Quando questionado a respeito da adoção em casos os quais a alternativa seria o abandono ou uma instituição de cuidados precários, Malafaia, inscrito na posição de sujeito evangélico, ainda assim rejeita a possibilidade de que casais homoafetivos possam oferecer um ambiente melhor. Essa recusa é sustentada por uma convicção "moral", mais do que em uma preocupação com o bem-estar da criança. É priorizada uma ideologia conservadora em detrimento das necessidades concretas de proteção, cuidado e afeto que as crianças abandonadas podem receber de famílias não heteronormativas.

A partir dos sentidos reproduzidos por Malafaia, também há a contraposição à expansão de direitos para a comunidade LGBTQIAP+. Ao desqualificar e desmerecer a adoção por casais homoafetivos, contribui-se para a invisibilização dessas famílias, tratando-as como inadequadas ou inferiores em relação ao modelo "padrão". Tal funcionamento se alinha a uma deslegitimação mais ampla de direitos, apresentada com o pretexto de proteger valores tradicionais, a família "tradicional brasileira" e a "coletividade". A contraposição à adoção por casais homoafetivos opera a partir de uma lógica excludente que normatiza a família heterossexual como o único modelo legítimo. Os argumentos apresentados, embora disfarçados de preocupação com o bem-estar da criança, são baseados em uma visão conservadora e religiosa que promove a exclusão e marginalização. Essa situação apresentada revela como determinados discursos podem reforçar estruturas de poder e perpetuar preconceitos sociais.

Quando questionado pela apresentadora a respeito dos homossexuais, Malafaia argumenta que concordar com algo e amar alguém são práticas diferentes, como se pode observar no seguinte enunciado: **"Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas."**

No cenário apresentado acima, a homossexualidade significa como uma prática. Esta é personificada como escolha. Em outras palavras, é homossexual porque escolheu viver de tal modo. No imaginário desse líder religioso, há um amor pelos homossexuais enquanto ser humano, porém as suas ações, aquelas pecaminosas que divergem da concepção cristã moralista, não são aceitáveis. Portanto, passíveis de serem condenadas. Tais práticas, como a homossexualidade, tornam o sujeito pecador, afastado de Deus.

Diante do assunto tratado pelo líder religioso, a âncora do programa solicita que Malafaia repita o assunto enunciado. Após esta solicitação, o mesmo demonstra uma aversão em repetir o que foi enunciado, tal como se pode notar em: **“Não, isso eles sabem. Eles sabem, eles não são bobinhos não. Eles sabem.”** Malafaia, repetidamente, evidencia que possivelmente os homossexuais têm conhecimento que ser homossexual, a partir da posição de sujeito evangélico, é uma prática pecaminosa, logo, errada. Por esse motivo, não há necessidade de repetir.

Novamente, a apresentadora solicita que o líder religioso frise a sua não concordância com a homossexualidade e, ao mesmo tempo, afeto pelos homossexuais: **“Então, diga!”**. Após essa segunda solicitação, o líder religioso enuncia: **“Eu amo os homossexuais, como amo os bandidos, amo assassinos, vamos embora, eu aumento o leque, porque eu amo. Porque o ser humano, oh! Gaby, o ser humano é a coisa mais importante.”**

Malafaia, ao frisar seu amor pelos homossexuais, destaca que ama estes como ama bandidos e assassinos. Tal como podemos observar em: **“Eu amo os homossexuais, como amo os bandidos, amo assassinos”**.

O líder religioso realiza uma comparação na qual relaciona os homossexuais a bandidos e assassinos. Nesse imaginário, não há nenhuma diferença entre os sujeitos comparados, pois eles estão em pecado. O crime, a partir da posição de sujeito evangélico, não está em relação à Constituição ou ao Código Penal, mas a um imaginário de comportamento determinado pela Bíblia.

Posteriormente, após realizar a comparação detalhada acima, a apresentadora do programa questiona o líder religioso da seguinte maneira: **“Você tá colocando homossexuais ao lado de bandidos e assassinos, porra!”**. Neste momento, durante a entrevista, é possível observar certo repúdio por parte da entrevistadora ao pronunciamento do líder religioso.

Malafaia enuncia que não está comparando, mas sim frisando que ama todas as pessoas, porém não concorda com determinadas práticas que estas adotam: **“Não! Não! Não tô colocando não! Eu amo todas as pessoas.” “Não mas pra dizer, olha: eu não gosto de uma prática, então eu tô dizendo pra você”**.

Com base na análise da entrevista transcrita acima, verificou-se que, no imaginário do pastor Malafaia, a homossexualidade é acentuada como uma prática adotada por alguns sujeitos ao longo de suas vivências, muitas vezes, a sua ocorrência é justificada pelo abuso sexual sofrido por tais pessoas na infância.

Todavia, os sujeitos homossexuais podem passar por tratamento de reorientação, realizado pelo próprio pastor. Além disso, a homossexualidade não é considerada apenas uma prática, mas também uma ação pecaminosa que, no imaginário cristão reproduzido por Malafaia, conduzirá o homossexual ao inferno. Ainda, pode-se notar que, a partir da posição de sujeito na qual esse líder religioso está inscrito, não há diferença alguma entre homossexuais, bandidos e assassinos. Estes sujeitos estão entrelaçados por algo em comum, suas práticas pecaminosas e profanas.

A comparação realizada pelo pastor explicita a desaprovação que possui acerca das sexualidades desviantes. Enunciar que ama os homossexuais, colocando em pé de igualdade a bandidos e assassinos, constata a sua aversão aos sujeitos desviados.

Ao longo da entrevista, é notório que o referido líder religioso expõe a rede de sentidos a qual está inscrito de maneira muito incisiva. Malafaia reafirma o nome de sua divindade, Deus, a referida palavra e os ensinamentos promulgados por sua religião para defender os valores da família tradicional brasileira e condutas, que em seu imaginário, são éticas. A homossexualidade não é personificada, por Malafaia, como manifestação da vida ou condição natural dos sujeitos. Quando este termo aparece em seus pronunciamentos, é realçado como escolha, prática, comportamento e pecado.

5. A posição de sujeito evangélico

Este capítulo aborda os sentidos produzidos pelos sujeitos que assumem a posição de sujeito evangélico, filiada ao discurso religioso cristão evangélico. Além disso, também identifica as regularidades que caracterizam a posição de sujeito mencionada. Para alcançar esses objetivos, foi necessário retornar às análises apresentadas antes, com o intuito de fornecer regularidades que caracterizam a referida posição. O retorno às análises permitirá compreender como as sexualidades não heteronormativas, bem como os homossexuais, são significados no discurso religioso ao qual os líderes religiosos estão filiados.

À priori, os discursos analisados antes foram pronunciados por três líderes religiosos evangélicos. A título de esclarecimento, Barros, quando questionada em uma entrevista se tinha alguma objeção contra os gays. Karla, em um podcast, quando enunciou que jamais

cantaria no casamento homoafetivo de um amigo. E por fim, Malafaia, quando comparou os homossexuais a bandidos e assassinos.

Em relação aos referidos líderes religiosos evangélicos, convém ressaltar que eles não pertencem à mesma vertente religiosa, pois são oriundos de ministérios⁴⁴ divergentes, como já especificado nas condições de produção de cada discurso anteriormente. Todavia, apesar destas personalidades serem de congregações diferentes, foram constatadas determinadas regularidades que possibilitam delimitar o funcionamento do que é nomeado como posição de sujeito evangélico.

Estas regularidades são o foco da nossa discussão a partir de agora. Quanto a esse ponto, são expostas algumas sequências discursivas, SDs, já analisadas. Sobre isso, mediante a uma comparação entre SDs, visamos analisar quais sentidos são produzidos pelas três entrevistas quando os assuntos são: homossexualidade, homossexual e família. No primeiro momento, são expostas algumas sequências discursivas enunciadas por Barros. Após isso, adentramos às de Karla e, no final, às de Malafaia.

Barros:

SD1: Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha.

SD2: Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer para você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta.

SD3: Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra. Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, né! Como eu falei.

Karla:

SD4: “Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do Poder de Deus, eu vou sim” Eu falei: “Pois é, o dia que eu aceitar cantar no seu casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus. Porque, não é uma questão, eu posso aceitar e respeitar a sua decisão”, falei pra ele. “Amigo, respeitar a sua decisão não é eu concordar com ela”. E ele ficou me ouvindo, eu falei assim: “Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá

⁴⁴ Igrejas

certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher”.

SD5: “Então, se eu for no teu casamento e aplaudir e dizer assim: ‘**Nossa você tá certo**’. **Eu paro de cantar, eu saio da igreja. Porque, eu não vou estar servindo a Deus, com meu coração completo**, eu vou tá aplaudindo algo que eu tô dizendo assim: ‘**É errado, mas eu vou aplaudir**’. E é o que, infelizmente, **a gente, às vezes, faz inconscientemente. Ah! Eu não vou me posicionar, eu não vou falar pra não magoar. Não perai, não é magoar.**

SD6: **A palavra nos confronta**, nem tudo que a gente vai ver na palavra, vai ser para acariciar o nosso ego. Pelo contrário, **é palavra de confronto, é certo, é certo. Deus tá dizendo que sim, eu vou pelo que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu sou o que a bíblia diz, eu vou aonde a bíblia diz, eu vou fazer o que a bíblia diz. Respeitamos a sua decisão**, mas eu não posso concordar **com seu estilo de vida**. Porque, **eu sei que a palavra do meu Deus, que é verdade, diz que essa conduta de vida não vai te levar ao céu, que essa conduta de vida não vai te fazer feliz. Pouco se fala hoje sobre o inferno, sabe...** E quando a verdade não é essa, a verdade é: **existe o caminho, a verdade e a vida que é Jesus que nos leva ao céu, ele é o único caminho que nos leva ao céu. Qualquer outro caminho, o final dele é o inferno.**

Malafaia:

SD7:“**Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas.**” “Não! Não! Não tô colocando não! Eu amo todas as pessoas.” “Não mas pra dizer, olha: **eu não gosto de uma prática**, então eu tô dizendo pra você.”

Quando os três líderes religiosos são questionados acerca da aceitação da homossexualidade e do sujeito homossexual, em condições de produção diferentes, obtemos as seguintes sequências discursivas:

Barros:

SD1. Olha! **O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer para você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta.**

Karla:

SD4. “**Amigo, respeitar a sua decisão não é eu concordar com ela**”. E ele ficou me ouvindo, eu falei assim: “**Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher**”

Malafaia:

SD7. “**Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais. Mas, discordo cem por cento de suas práticas.**”

Por intermédio de uma comparação entre as três SDs acima, em relação à homossexualidade e ao homossexual, verifica-se que os sentidos produzidos apontam para um mesmo imaginário: a homossexualidade é um comportamento voluntarista. Consoante a isso, expressões como **“Escolheram viver assim”, “Tem a sua opção”, “Escolha”, “Prática”, “Decisão”, “Forma de vida” e “Forma correta”** estão presentes nas três entrevistas como uma regularidade que produz um mesmo sentido.

Estes termos listados são diferentes em suas formas, porém o sentido produzido é o mesmo. Ninguém nasce homossexual, a homossexualidade é adquirida como um comportamento. Vale ressaltar que as regularidades analisadas aqui ocorrem pelos processos parafrásticos da língua, como explicitado por Orlandi (2009, p. 36) em: “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer”.

Tal como apontado pela autora acima, a paráfrase é caracterizada pelo mesmo dizer que se mantém no discurso. Existem diversas maneiras de dizer que a homossexualidade é um comportamento, sejam pelos termos **“Prática”, “Escolha” ou “Opção”**, por exemplo. Isto é a memória. Várias formulações que retornam aos mesmos espaços. O funcionamento da posição de sujeito evangélico ocorre pela paráfrase, na qual os três líderes religiosos atualizam a mesma memória discursiva quando enunciam sobre a referida sexualidade.

Quanto à família, os sentidos produzidos aqui são relegados a uma composição familiar específica, a cis-heteronormativa. Durante as entrevistas, quando os entrevistados enunciam a respeito da família, têm-se as seguintes sequências discursivas:

Barros: SD1: “Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra”.

Karla: SD2: “Ah! Quando você se casar com uma mulher linda, cheia do Poder de Deus, eu vou sim”. Eu falei: “Pois é, o dia que eu aceitar cantar no seu casamento com outro homem, eu posso parar de cantar sobre a Bíblia e sobre Jesus. Eu prego a palavra, eu não tô dizendo algo da Bruna, é algo de Deus, a palavra é contra essa forma de vida, a palavra diz que não tá certo, que não foi pra isso que Deus criou o homem e a mulher, foi pra o homem se unir com a mulher”.

Neste imaginário religioso, o sentido de “família” é relacionado ao estável. Isto é, os sentidos já estabelecidos. À família, constituída por casais heterossexuais, é atribuída a responsabilidade acerca da reprodução da espécie humana. Em relação a isso, é considerada, neste imaginário, família aquela formada por pares diferentes e que tenha a capacidade de reprodução. Outras uniões, por exemplo, as homoafetivas, são desacreditadas. Ainda nesse

imaginário, a criação dos seres humanos é atribuída a Deus. A partir da posição de sujeito evangélico, a referida divindade criou o homem e a mulher para se unirem e multiplicarem.

É notória outra regularidade presente no discurso religioso, quando os líderes religiosos citam a expressão “A palavra”. Nos três pronunciamentos analisados, observa-se que cada líder religioso enuncia o mencionado termo para, possivelmente, frisar que suas ações e crenças seguem a palavra (ensinamentos) proferida por sua divindade. Em nenhum momento, é explicado ou citado qual seria essa palavra.

Diante do exposto, nota-se que a posição de sujeito evangélico é constituída pelas regularidades apontadas, por exemplo, o imaginário de sexualidade hegemônica, o padrão de família cis-heteronormativa e a menção à referida palavra.

Ao longo das análises, foi observado que em cada sequência discursiva descrita há um direcionamento para a família cis-heteronormativa, de forma que, sendo essa a sexualidade idônea, se contrapõe a outra, desviante. Além disso, há a menção a Deus e a seus possíveis ensinamentos quando os líderes religiosos invocam esta divindade para se legitimar nas práticas discursivas, utilizando o nome de Deus para enfatizar mais autoridade. Estas evidências possibilitaram circunscrever que a posição de sujeito evangélico é configurada pelas regularidades expostas que se fazem presentes no discurso religioso. Em outras palavras, evidências que apontam para uma concepção de família “correta”, uma sexualidade “adequada” e respeitada no meio religioso e outra desviante.

Identificar-se à posição de sujeito evangélico significa adequar-se a esse imaginário e produzir seus sentidos estáveis pelos processos parafrásticos da língua. Sob estas perspectivas, cabem aos sujeitos evangélicos obediência, valorização dos preceitos religiosos, fidelidade à comunidade e o imaginário de santidade.

Considerações finais

Diante das análises do discurso religioso evangélico apresentadas anteriormente, faz-se necessário retornar à questão de ancoragem na qual este trabalho se ancora desde o princípio, com o intuito de respondê-la e expor as considerações obtidas com esta pesquisa que é desenvolvida há mais de um ano. Antes disso, urge registrar que este trabalho segue aberto para novas investigações e novos estudos, não se dando por encerrado. Especificado isso, a referida questão consiste em:

“Como determinados líderes religiosos evangélicos produzem sentidos quando enunciam sobre a homossexualidade?”.

Precipuamente, vale relembrar que, desde o início desta pesquisa, o presente trabalho tem como referência para o desenvolvimento e realização de cada investigação discursiva o questionamento descrito acima. Nas análises discursivas realizadas de entrevistas concedidas por Barros, Karla e Malafaia, respectivamente, visou-se compreender como a homossexualidade é significada. Isto é, quais sentidos são produzidos quando líderes religiosos evangélicos enunciam sobre a mencionada sexualidade através do discurso religioso cristão. Dito isso, obtiveram-se as seguintes considerações.

Nos três pronunciamentos analisados, constatou-se que a homossexualidade e o sujeito homossexual são significados em tensão à formação discursiva religiosa cristã, na qual os três líderes religiosos evangélicos estão inscritos. Sentidos esses que estremecem os ideais estáveis deste imaginário.⁴⁵

Constantemente, a homossexualidade foi enunciada pelos três líderes sob os sentidos de prática, opção, comportamento, doença e, até mesmo, ato pecaminoso que não agrada à divindade desses fiéis. Paralelo a isso, nesse imaginário, observou-se que o simples fato do sujeito ser homossexual ou apoiar pautas da comunidade LGBTQIAP+ acarreta graves consequências, como a exclusão. Em relação a esse aspecto, verifica-se que esta sexualidade é considerada, pelos líderes religiosos evangélicos em questão, uma prática profana contrária à fé cristã, fortemente acentuada nesse imaginário. É importante salientar que as duas líderes religiosas, Barros e Karla, assumem um lugar social distinto de Malafaia. Além de líderes religiosas, elas são cantoras gospel. Logo, há um *status* de celebridade em funcionamento. Esse fator faz com que elas adotem determinadas estratégias argumentativas quando enunciam sobre temas polêmicos na sociedade. Em outras palavras, as líderes religiosas, em questão, não podem enunciar a respeito da homossexualidade de qualquer maneira, destacando de forma direta a não aceitação do homossexual. Nesse imaginário, é necessário recorrer ao silêncio divino para lhe dar sentido. O silêncio de Deus é utilizado como proteção contra polêmicas que podem originar a partir de determinadas declarações.

Além dessas regularidades descritas, destacam-se a não concordância e aversão que os referidos líderes religiosos manifestam acerca da sexualidade e do sujeito homossexual. A partir da posição de sujeito evangélico, ser gay possibilita a abertura para ser excluído e julgado dentro e fora do cenário religioso. Os sentidos não param por aqui, verificou-se também que a homossexualidade, em um dos pronunciamentos, é caracterizada como doença e marginalizada tal como a prática de assassinato.

⁴⁵ Heterossexualidade.

Outrossim, frequentemente, o nome de Deus e sua palavra foram utilizados como argumento de autoridade para julgar e condenar a sexualidade e o sujeito homossexual. Em cada entrevista, analisaram-se como os líderes religiosos, a partir da posição de sujeito evangélico, valem-se de supostos ensinamentos divinos quando citam o termo “Palavra” e enunciam que sua divindade, Deus, não concorda com práticas divergentes do aceitável nesse âmbito.

As regularidades delimitadas antes possibilitaram circunscrever a posição de sujeito evangélico, detalhada no capítulo anterior, que se configura em relação à prática cis-heteronormativa acerca da composição familiar, bem como em uma “correta” sexualidade e princípios moralistas da fé cristã. Diante disso, cabe reafirmar que o discurso religioso cristão é somente um. Pois, nos três pronunciamentos analisados, foi verificada a produção das mesmas evidências pelos processos parafrásticos da língua.

Diante dos sentidos constatados através das análises, surge uma nova questão:

“Os sentidos produzidos no discurso religioso cristão evangélico a respeito da homossexualidade e do homossexual podem ser caracterizados como homofobia?”.

Com base em tudo o que foi discutido e exposto antes, é notório que tal discurso reproduz sentidos que excluem os homossexuais, bem como desmerecem essa parcela da sociedade. Constatamos em Malafaia que dois homens não podem formar uma família e adotarem crianças que foram abandonadas, por exemplo. Direitos conquistados e garantidos por leis, nesse imaginário cristão, não são respeitados.

Os pronunciamentos analisados reproduzem o modelo tradicional de família e sexualidade, mas também tentam legitimar o lugar da religião como autoridade moral sobre o que seria considerado "natural" ou "desviante". A recorrente noção de que o homossexual pode ser "reorientado", “curado” ou "reconvertido" sustenta a perpetuação de preconceitos e a patologização da homossexualidade no espaço religioso, alimentando tensões entre a fé e a vivência plena das diversidades sexuais na sociedade.

A partir da análise das entrevistas de Barros, Karla e Malafaia, observa-se que, apesar das particularidades de cada pronunciamento, existe um consenso entre estes líderes religiosos evangélicos quanto à rejeição da homossexualidade enquanto prática, e uma tentativa de dissociar essa rejeição do amor que afirmam nutrir pelos sujeitos homossexuais. As entrevistas significam a homossexualidade como uma escolha ou um comportamento desviante, contrário ao que, a partir da posição de sujeito evangélico, é considerada a ordem natural criada por Deus e sustentada pela interpretação bíblica.

Barros, em seus enunciados, evidencia o caráter "abominável" do pecado e a consequente separação que ele gera entre o sujeito e Deus, reafirmando que a homossexualidade é uma opção que as pessoas "adotam", ainda que ela afirme "amar as pessoas que escolheram viver assim".

Karla, por sua vez, estabelece um limite rígido entre respeitar e concordar com a homossexualidade, reafirmando que seguir o que a Bíblia dita é incompatível com qualquer forma de aceitação dessa "conduta de vida". Malafaia reproduz sentidos semelhantes, afirmando amar os homossexuais, mas discordar inteiramente de suas práticas, que ele também significa como pecaminosas.

Os mencionados líderes religiosos constroem uma narrativa em que a heteronormatividade é vista como o único caminho aceitável para a vivência da sexualidade, sustentando que o casamento deve ocorrer exclusivamente entre homem e mulher, conforme o que entendem ser o projeto original de Deus para a humanidade. A homossexualidade, por sua vez, é vista como uma ameaça a essa ordem, sendo constantemente associada ao pecado, ao desvio e, em alguns casos, à condenação eterna, como visto nos discursos de Karla.

Ao longo das análises, fica explicitada como, a partir da posição de sujeito evangélico, é reafirmado o "amor ao pecador, ódio ao pecado" para justificar a exclusão social e espiritual das pessoas LGBTQIAP+. Esse funcionamento, ao reafirmar uma visão cis-heteronormativa da sexualidade, não só patologiza e deslegitima a homossexualidade, mas também perpetua a marginalização dos sujeitos integrantes dessa comunidade, no espaço social e religioso, criando uma barreira para a aceitação e inclusão.

Diante do exposto, conclui-se que o discurso religioso cristão evangélico em suas diversas manifestações públicas ainda se configura como uma barreira para a aceitação e a inclusão de indivíduos da comunidade LGBTQIA+, reforçando uma posição que marginaliza qualquer expressão de sexualidade que diverge das normas estabelecidas pela cis-heteronormatividade. Tal construção discursiva merece, portanto, ser problematizada à luz de uma sociedade que, cada vez mais, busca acolher as pluralidades e promover o respeito à diversidade.

Referências bibliográficas

ALINE BARROS, AB. **História**. Disponível em: <Aline Barros>. Acesso em 21/01/2024.

BARROS, ALINE. **Instagram**, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/alinebarros?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=OGQ5ZDc2ODk2ZA==>. Acesso em: 21/01/2024.

BARROS, Aline. **Facebook**, 2024. Disponível em: <<https://www.facebook.com/alinebarrosonline/followers/>>. Acesso em: 21/01/2024.

BARROS, Aline. **YouTube**, 2024. Disponível em: < www.youtube.com/@AlineBarros >. Acesso em: 21/01/2024.

BIOGRAFIA DE ALINE BARROS. Pensador, 2023. Disponível em: <Biografia de Aline Barros - Pensador>. Acesso em: 21/12/2023.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil.

Bruna Karla diz que jamais cantaria num casamento gay. YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/t_RkofVMaEE?si=JG0tPOhuXQikbV_U>. Acesso em 21/01/2024.

CASO GEORGE FLOYD. G1, 2024. Disponível em:<**Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA | Mundo | G1 (globo.com)**>. Acesso em: 07/01/2024

COMUNIDADE EVANGÉLICA INTERNACIONAL ZONA SUL, Nossa Igreja, 2023. Disponível em: <Nossa Igreja - CEIZS> Acesso em: 21/12/2023

DIGITAL, Legor. **Silas Malafaia De Frente Com Gabi - Completo - 03/02/2013**. YouTube, 04/02/201. Disponível em: <<https://youtu.be/Myb0yUHdi14?si=4q2yJ7nzVXgGwDPx>>. Acesso em: 04/05/2024.

FATIMA, Wellton da Silva de. **As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal** / Wellton da Silva de Fatima; orientadora: Bethania Sampaio Corrêa Mariani. – 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras, 2018.

GIGLIOTTI, Analice. **Brasil carrega o vergonhoso título de país que mais mata LGBT+ no mundo**. VEJA RIO, Rio de Janeiro, 26/05/2023. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/analice-gigliotti/brasil-carrega-o-vergonhoso-titulo-do-pais-que-mais-mata-lgbt-no-mundo/>. Acesso em 21/04/2024

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. SP. Editora Imago, 2001.

KARNAL, Leandro. COEN, Monja. **O inferno somos nós: do ódio à cultura de paz**. Editora: Campinas, SP: Papyrus 7 mares, 2018.

LUIZ, SALOMÃO, PALMA, Gabriel, Lucas, Gabriel. **PF indicia pastor Silas Malafaia por lavagem de dinheiro na Operação Timóteo**. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/pf-indicia-pastor-silas-malafaia-em-inquerito-da-operacao-timoteo.ghtml>> Acesso em: 03 maio 2024.

MALAFAIA, Silas. SM. **Página Oficial**, 2024. Disponível em: <https://www.silasmalafaia.com/>. Acesso em: 03 maio 2024.

MUSSIO, S.C. **Popular sensacionalista: As estratégias discursivas do jornal Agora São Paulo, 2008**, 179 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2008.

“**Não concordo com as práticas**”, diz Aline Barros sobre a homossexualidade. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/xrR5HrpPRP4?si=ULiBRJk7X73LDVrk>>. Acesso em: 21/01/2024.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**/Eni Puccinelli Orlandi.-6ª ed.- Campinas, SP: Editora Unicamp,2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 2.ed. Campinas–SP. Editora da UNICAMP, 1995.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Edição 2. Cadernos do mundo inteiro, 2017. 2024

SILVA, Thiago. **Bruna Karla diz que jamais cantaria num casamento gay**. YouTube, 15 de jun. de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/t_RkofVMaEE?si=nNnmZ72gdyEMH3EQ> . Acesso em: 22/04/2024.

SuperPop: Silas Malafaia: **'sou contra, mas amo os homossexuais**. YouTube, 2024. Disponível em:< <https://youtu.be/SCDLGXFGXYI?si=EfR3Pfc42i6wMWDU> >. Acesso em: 21/01/2024.

SOUZA, Warley. **"Maria Firmina dos Reis"; Brasil Escola**. Disponível em: Maria Firmina dos Reis: vida, características, obras - Brasil Escola (uol.com.br) . Acesso em 23/12/2023.

VASCONCELOS, Caê. **Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans; foram 131 em 2022**. UOL, São Paulo, 26/01/2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm>. Acesso em: 21/04/2024.